

EXPEDIENTE

CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO IGUAÇU – UNIGUAÇU

Rua Padre Saporiti, 717 – Bairro Rio D´Areia
União da Vitória – Paraná
CEP. 84.600-000
Tel.: (42) 3522 6192

CATALOGAÇÃO

ISSN: 2359-3377

LATINDEX

Folio: 25163

Folio Único: 22168

CAPA

Prof. Vilson Rodrigo Diesel Rucinski

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA UNIGUAÇU

Presidente da Mantenedora

Dr. Wilson Ramos Filho

Superintendência das Coligadas UB

Prof. Ms. Edson Aires da Silva

Reitora

Profª. Ms. Marta Borges Maia

Pró-Reitor Acadêmico

Prof. Dr. Atilio A. Matozzo

Pró-Reitor de Pós-graduação, Iniciação à Pesquisa e Extensão

Prof. Dr. João Vitor Passuello Smaniotto

Presidente do Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos – ISPAE

Profª. Ms. Dagmar Rhinow

Coordenação do Curso de Administração

Prof. Ms. Jonas Elias de Oliveira

Coordenação do Curso de Agronomia

Prof. Esp. Zeno Jair Caesar Junior

Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Profª. Ms. Paula Toppel

Coordenação do Curso de Biomedicina

Profª. Ms. Janaína Ângela Túrmina

Coordenação do Curso de Direito

Prof. Esp. Sandro Perotti

Coordenação do Curso de Educação Física

Prof. Dr. Andrey Portela

Coordenação do Curso de Enfermagem

Profª. Ms. Marly Terezinha Della Latta

Coordenação dos Cursos Engenharia Civil

Prof. Larissa Yagnes

Coordenação do Curso de Engenharia Elétrica

Prof. Esp. Fabio Passos Guimarães

Coordenação do Curso de Engenharia Mecânica

Prof. Esp. Daniel Alberto Machado Gonzales

Coordenação do Curso de Engenharia de Produção

Prof. Ms. Wellington da Rocha Polido

Coordenação do Curso de Farmácia

Profª. Ms. Silmara Brietzing Hennrich

Coordenação do Curso de Fisioterapia

Profª. Ms. Giovana Simas de Melo Ilkiu

Coordenação do Curso de Medicina Veterinária

Prof. Ms. João Estevão Sebben

Coordenação do Curso de Nutrição

Prof. Esp. Wagner Osório de Almeida

Coordenação do Curso de Psicologia

Profª. Esp. Guidie Elleine Nedochetko Rucinski

Coordenação do Curso de Sistemas de Informação

Prof. Ms. André Weizmann

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA REVISTA

Editor Chefe das Revistas Uniguacu

Prof. Dr. Atilio A. Matozzo

Coeditor

Prof. Ms. Vilson Rodrigo Diesel Rucinski

Revisora Ad-hoc

Prof. Ms. Sandra Fonseca Pinto

Conselho Editorial

Prof. Dr. Anésio da Cunha Marques (UNIGUAÇU)

Prof. Dr. Thiago Luiz Moda (UNESPAR)

Prof. Dr. Gino Capobianco (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Prof. Dr. Fernando Guimarães (UFRJ)

Prof. Dr. Rafael Michel de Macedo (Hospital Dr. Constantin)

Prof. Dr. Andrey Protela (UNIGUAÇU)

Profª. Ms. Melissa Geórgia Schwartz (UNIGUAÇU)

Profª. Ms. Eline Maria de Oliveira Granzotto (UNIGUAÇU)

Prof. Ms. Adilson Veiga e Souza (UNIGUAÇU)

SUMÁRIO

ECOVILAS: ARQUITETURA SUSTENTÁVEL EM FOCO	176
ESTAÇÃO CULTURAL MALLET, REVALORIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO POR MEIO DA CULTURA E DO LAZER	198
HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS: ESTRATÉGIA TECNOLÓGICA PARA O ACOLHIMENTO DE PESSOAS APÓS TRAGÉDIAS, CATÁSTROFES E CONFLITOS POLÍTICOS	212
HOSTEL – UMA PROPOSTA DE HOSPEDAGEM DE BAIXO CUSTO: ESTUDO DE CASO PARA CIDADES DE PEQUENO E MÉDIO PORTE	228
IMPACTOS AMBIENTAIS E URBANÍSTICOS CAUSADOS POR CEMITÉRIOS	247



ECOVILAS: ARQUITETURA SUSTENTÁVEL EM FOCO

Beatriz Aparecida Honório de Lima
Gilda Maria Botão Ayres Pereira¹
Paula Vaccari Toppel²
Débora Bulek Grobe³

RESUMO: A industrialização e o desenvolvimento de novas tecnologias ocasionaram um rápido crescimento das cidades e, conseqüentemente, uma urbanização desordenada, com problemas relacionados ao convívio social, à economia e a degradação da natureza. Visto que as ecovilas representam um modelo flexível e podem ser implantadas tanto no espaço urbano quanto rural, dispondo de uma ligação profunda com práticas de sustentabilidade, este artigo tem o objetivo de relacionar a vivência humana em uma ecovila com a arquitetura sustentável e o meio ambiente. A pesquisa é exploratória e emprega o método bibliográfico para a contextualização teórica, bancos de dados digitais e fontes de dados disponíveis na Internet. As ecovilas são assentamentos em escala humana, que contribuem nos aspectos da sustentabilidade, sendo eles econômicos, sociais, ambientais e culturais/espirituais. Essas comunidades alternativas podem servir como base para uma nova arquitetura, voltada à sustentabilidade e à métodos construtivos energeticamente eficientes, com residências mais confortáveis e produção de alimento em espaços reduzidos. Embora a preocupação com moradias sustentáveis e com a preservação do meio ambiente seja crescente, o número de residências eficientes e pessoas que procurem formas alternativas de construção é pequeno.

Palavras-chave: ecovila; sustentabilidade; arquitetura; comunidade sustentável

ABSTRACT: The industrialization and development of new technologies have led to a rapid growth of the cities and consequently to disorderly urbanization, with problems related to social interaction, economy and the degradation of nature. The ecovillages represent a flexible model and can be deployed in urban and rural areas, having a deep connection with sustainability practices, this article aims to relate the human experience in an ecovillage with sustainable architecture and the environment. The research is exploratory and employs the bibliographic method for theoretical contextualization, digital databases and data sources available on the Internet. Ecovillages are settlements on a human scale that contribute to the sustainability aspects, being economic, social, environmental and cultural / spiritual. These alternative communities can serve as the basis for a new architecture, focused on sustainability and energy-efficient construction methods, with more comfortable homes and food production in confined spaces. While concern about sustainable housing and environmental preservation is increasing, the number of efficient residences and people seeking alternative forms of construction is small.

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP. Possui graduação em Educação Artística pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1989) e graduação em arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993). Atualmente é professor - Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu, voluntário do Conselho de Urbanismo de União da Vitória, professor do magistério superior do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória. Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Planejamento Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura sustentável, edificação de arquitetura, desenvolvimento territorial, cidades sustentáveis e indígena.

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011) e mestrado em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2015), especialização em Construções Sustentáveis (2018) pela UTFPR em andamento. Atualmente é coordenadora e professora universitária na Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu e arquiteta e urbanista autônoma.

³ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2017). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo. É mestranda em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

A indústria da construção civil se destaca por ser o setor que mais consome recursos naturais e produz grandes quantidades de resíduos, gerando consideráveis impactos ambientais (MOTTA; AGUILAR, 2009). Devido a crescente preocupação com o meio ambiente, a demanda por mudanças na forma de construir é inevitável, e cada vez mais discutida. Segundo a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD, 1987), também conhecido como Comissão de Brundtland, sustentabilidade é prover as necessidades da geração presente sem afetar a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades. A preocupação com o termo sustentabilidade teve início após a Segunda Guerra Mundial, quando as mudanças causadas pela industrialização e o desenvolvimento de novas tecnologias refletiu em uma concentração urbana crescente. Em países subdesenvolvidos, a urbanização se deu de forma rápida e desordenada, tendo como consequência muitos problemas de cunho econômico, social, cultural, espacial e político, transformando a cidade em um lugar de acúmulo de capital e de degradação natural e social.

A expressão insustentabilidade urbana define esse fenômeno de inúmeros problemas que comprometem a qualidade de vida dos moradores das cidades, configurando um desequilíbrio do sistema ambiental urbano e a sua vulnerabilidade (SILVA; VARGAS, 2010). Como uma forma de fuga desse contexto é que surgem as ecovilas, que são assentamentos em escala humana que incorporam a vivência humana e o meio ambiente, sem causar degradação e sustentam o desenvolvimento saudável de forma contínua e constante (SOARES, 2002). O desenvolvimento de uma ecovila qualifica uma possibilidade de comunidade sustentável, pois incorpora em suas edificações as três proporções mais abordadas nas discussões sobre sustentabilidade: econômica, sociológica e ecológica, além de um cuidado cultural e espiritual em relação ao ser humano estar em sintonia com a natureza.

Muitas ecovilas ainda estão em processo de formação e encontram dificuldades para se estabelecer, oferecendo um amplo e relevante campo de pesquisa sobre a vivência humana dentro de um determinado território, sob uma perspectiva ecológica que integra, muitas vezes, um propósito religioso ou filosofias específicas. Além disso, por representar um modelo flexível, são aplicáveis nos mais diversos locais, independente de país, região, clima ou

ecossistema. As práticas sustentáveis básicas desses sistemas de moradias envolvem a infraestrutura, a estrutura física, as estruturas sociais e econômicas e as estruturas culturais. Incluem-se nessas práticas o uso de sistemas de energia renovável, recuperação ambiental e revegetação, práticas de permacultura, uso de materiais de baixo impacto ambiental nas construções, sistemas de captação de água da chuva, tratamento de resíduos, a bioconstrução, sistemas econômicos locais, produção e consumo de alimentos, educação, inclusão social, valorização das tradições, manifestações artísticas e espirituais, recreação e lazer (ECOEICIENTES, 2019).

Portanto, propõe-se neste trabalho um estudo sobre o funcionamento das ecovilas e suas características em relação à arquitetura sustentável. Para isso, busca-se definir o conceito de ecovila e da sustentabilidade, coletar dados que auxiliem na caracterização da organização espacial de uma ecovila, abordar a relação entre os moradores e a natureza e o modo como a arquitetura conecta ambos.

2 ARQUITETURA SUSTENTÁVEL

Ao iniciar uma discussão sobre sustentabilidade, é necessário compreender que esta é alcançada quando engloba três dimensões, sendo elas a econômica, a sociocultural e a ambiental. A arquitetura está presente em todos esses elementos, podendo contribuir positiva ou negativamente em cada uma.

O elo entre arquitetura e sustentabilidade abrange o contexto histórico em torno dessa última, já que surgiu principalmente devido aos problemas que a sociedade enfrentava nas questões ambientais e urbanas. Por isso é conveniente uma breve revisão histórica do termo, destacando sua associação com a construção civil e a urbanização.

2.1 O histórico da sustentabilidade

O ano de 1972 foi definido por ambientalistas e pela Organização das Nações Unidas como o marco da conscientização mundial sobre desenvolvimento sustentável (MOTTA; AGUILAR, 2009). Em Estocolmo, na Suécia, foi realizada a primeira reunião global sobre o meio ambiente, resultando no documento Declaração sobre o Meio Ambiente, que continha princípios

comportamentais e responsabilidades que regeriam as decisões sobre a demanda ambiental.

Figura 01 – Dimensões da Sustentabilidade



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de COSENTINO, 2017.

Ignacy Sachs, nos anos 80, publica o livro Ecodevelopment (Ecodesenvolvimento), estabelecendo três pilares para o desenvolvimento: eficiência econômica, justiça social e prudência ecológica (Figura 1). Essa ideia é adotada pela ONU em 1983, quando cria a Comissão Mundial sobre Ambiente e Desenvolvimento. Em 1987 essa comissão publica o relatório de Brundtland, o qual constata que uso exacerbado dos recursos naturais provocaria uma crise nos ecossistemas, interferindo diretamente na vida humana. Por isso as gerações atuais deveriam dispor de suas necessidades sem acarretar danos para as gerações futuras, tomando consciência de que o desenvolvimento carrega consigo muitos problemas.

Em 1994 ocorreu a Primeira Conferência Mundial sobre Construção Sustentável, onde foram definidos seis conceitos para a construção sustentável, sendo estes reduzir o consumo de recursos, potencializar a reutilização, empregar recursos renováveis e recicláveis, proteger o ambiente natural, criar um ambiente saudável e não tóxico e fomentar a qualidade ao criar o ambiente construído (KIBERT, 1994).

Muitos outros encontros, simpósios, livros e conferências relacionados ao tema ocorreram desde então, sempre visando aprofundar o conhecimento de

problemáticas e possíveis soluções para disseminar o desenvolvimento sustentável nas mais diversas áreas de estudo.

Atitudes como pensar globalmente e agir localmente são muito necessárias, pois implicam em mudanças pequenas que fazem uma grande diferença se puderem ser aplicadas em diversas regiões. O processo de desenvolvimento deve considerar as dimensões básicas da sustentabilidade, para reduzir os impactos sobre o meio ambiente, melhorar a vida em sociedade e buscar métodos economicamente mais viáveis e menos agressivos.

2.2 A arquitetura e as ecovilas como meio para a sustentabilidade

A arquitetura influencia nos assentamentos sustentáveis quando fornece condições adequadas para residir, que assegurem conforto ambiental, recursos hídricos, alimentares e energéticos de boa qualidade. Deve proporcionar também condições que estejam de acordo com o meio em que está inserida e garantir que outras gerações possam usufruir, de acordo com o que lhes será essencial, e dar continuidade a esses assentamentos.

Norman Foster, renomado arquiteto, faz uma análise crítica sobre o impacto ambiental gerado pelas edificações, explorando a função da arquitetura no processo construtivo e afirmando que as perguntas certas devem ser feitas antes de buscar as respostas corretas, no artigo *Architecture and Sustainability*, em 1990 (MOTTA; AGUILAR, 2009). Ao explorar esse aspecto, Foster apontou um caminho diferente, que leva o ser humano a questionar suas ações e a interferência da arquitetura em diversos aspectos, principalmente quanto ao uso da edificação, propondo a utilização de recursos naturais de iluminação e ventilação, a recuperação de áreas ao invés de investir na ocupação de novos territórios, dar outro uso a locais que estão em decadência.

A segunda conferência ambiental da ONU, em 1992, conhecida como Rio-92 (MOTTA; AGUILAR, 2009), discutiu ações para preservação dos recursos naturais, resultando no documento da Agenda 21, que conta com técnicas de conservação ambiental e metas de exploração sustentável que não afetem o desenvolvimento de países subdesenvolvidos. Essa conferência destacou ainda a importância de todos os setores sociais na colaboração do desenvolvimento sustentável, agindo em seu local e pensando em âmbito global.

O Habitat II (Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos), que aconteceu em Istambul, em 1996, destacou a questão ambiental urbana apontando a sustentabilidade como fundamento e propostas para comunidades humanas sustentáveis (CASTELNOU, 2003).

Ao perceberem os problemas sociais causados especialmente pela urbanização a partir 1960, pessoas que visavam viver em harmonia com a natureza, causando o mínimo impacto possível, se reúnem em grupos, localizados sobretudo em áreas rurais (BONFIM, 2010). Os grupos criados passam a ser denominados ecovilas, comunidades sustentáveis, alternativas ou ecoaldeia, de acordo com o modo de convivência dos indivíduos e sua cultura.

As ecovilas são comunidades humanas que surgiram com o intuito de priorizar o contato com a natureza, com enfoque na permacultura e na sustentabilidade (SATTLER, 2003; SOARES, 2002; FABRI, 2015), e reforçar os vínculos sociais dos indivíduos, devendo incorporar as três proporções da sustentabilidade. A condição insustentável que a urbanização assumiu, causou prejuízos sociais e segregações, privou o ser humano do contato com a natureza e com outros indivíduos, principalmente ao buscar compactar o espaço urbano em edificações verticais. As ecovilas surgem como uma válvula de escape desse ambiente hostil que se torna a cidade, reconectando indivíduos e natureza, buscando a convivência harmoniosa de baixo impacto e priorizando a escala humana.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é exploratória e emprega o método bibliográfico para a contextualização teórica, bancos de dados digitais e fontes de dados disponíveis na Internet (GIL, 2002), seguido de um aprofundamento empírico através de observações desenvolvidas durante a pesquisa sobre as principais ecovilas brasileiras.

Foram selecionadas as principais ecovilas para análise, construindo a base do artigo em pesquisas nos sites destas. O artigo apresenta as características estruturais do local, as metodologias construtivas das residências e dos espaços existentes, a convivência entre os moradores, as políticas de gestão da ecovila e a cidade em que está inserida.

3 ECOVILAS

Uma ecovila contribui quanto à construção sustentável em parâmetros sociais, ambientais, econômicos e espirituais, prevendo em sua concepção a interação entre as pessoas que residem na comunidade, o compromisso com a preservação e o cuidado com a natureza, a economia de recursos e técnicas construtivas elegidas de acordo com a disponibilidade de materiais locais (CECCHETTO, 2014).

3.1 A dinâmica urbana em assentamentos humanos

O cenário urbano atual é visto como agravante à medida em que cresce desordenadamente em tamanho e densidade, além das mudanças que causa nos elementos e na vida, influenciando nos problemas ambientais (SPIRN, 1995). Fatores envolvendo a ocupação irregular em áreas de risco ou ambientalmente protegidas, falta de infraestrutura e serviços básicos de saneamento em diversos pontos, colaboram para modificações no microclima e na atmosfera das cidades, como temperaturas mais elevadas e céu encoberto.

A impermeabilização do solo por camadas asfálticas, rios canalizados e outros itens impossibilitam a absorção da água pluvial, causando enchentes devido à vazão insuficiente. Entulhos e lixo em lugares inapropriados são carregados pelas chuvas até rios e córregos.

A insustentabilidade urbana é a soma de todos esses problemas e outros que acarretam na destruição da paisagem natural, quebrando a ligação entre a sociedade, a ecologia, a cultura e a economia, princípios básicos da sustentabilidade.

Apesar das inúmeras conferências, discussões e o acesso à informação, os assentamentos humanos são erroneamente associados apenas a comunidades rurais isoladas que tiram seu sustento da natureza. Além das ecovilas, temos também os ecobairros, que configuram uma reurbanização alternativa do espaço, contendo ruas e edificações que estejam de acordo com a escala humana e incentivando a interação entre a vizinhança (BASCH, 2016).

A criação de ecobairros tem como objetivo alcançar ecocidades, por meio de estratégias urbanas e projetos arquitetônicos de baixo impacto. O bairro deve acomodar uma delimitação territorial caracterizada pela incorporação da identidade local como sendo de grande valor. É inevitável que as atividades cotidianas desenvolvidas pelos moradores sejam próximas, que o bairro seja bem cuidado e esteticamente valorizado e que seja considerado um lar para toda a comunidade (BARTON, 2000).

Devido a tais circunstâncias, para a configuração de um ecobairro, o plano comunitário deve disponibilizar todos os recursos cabíveis em um espaço compacto, de modo a priorizar o pedestre e o uso da bicicleta como principais fontes de deslocamento. Também o adensamento urbano auxilia no encurtamento de distâncias, reduzindo o uso de transporte e a quantidade de edifícios, possibilitando mais espaços de recreação e áreas de preservação ambiental. Pensar em construções acessíveis economicamente a todos e que contenham sistemas de sustentabilidade, colaborando para a reabilitação de espaços urbanos e apoiar projetos urbanos ecológicos, hortas comunitárias, a reciclagem local e a conservação ambiental são ações que tornam o bairro autossustentável.

O projeto de ecobairro Beddington Zero Energy Development (BedZED), localizado em Londres, foi desenvolvido pelo arquiteto Bill Dunster para ser referência em sustentabilidade, reduzindo impactos ambientais e levando em consideração o bem-estar dos habitantes. Uma parte das residências foi exclusivamente destinada a profissionais essenciais para a comunidade e para pessoas de baixa renda (BASCH, 2016). O bairro era uma antiga zona industrial, tendo desde a implantação sistemas de transporte público em funcionamento. Os espaços comerciais e residenciais foram pensados para atender à arquitetura passiva, combinando inércia térmica e ventilação natural.

O ecobairro BedZED atingiu a maioria dos objetivos propostos ao modelo, fazendo com que seus moradores se sentissem seguros e confortáveis, possibilitando maior envolvimento entre a vizinhança, uma arquitetura de qualidade que causa um bem-estar físico e psicológico, em contato com a natureza.

3.2 Ecovilas no mundo

A Global Ecovillage Network criado em 1995 é o meio atual de conexão e integração entre assentamentos que se identificam como ecovilas. Tem o intuito de desenvolver estratégias que valorizem a implantação e propagação de ecovilas, definidas como comunidades intencionais, rurais ou urbanas projetadas de acordo com as quatro dimensões da sustentabilidade para reestruturar o meio social e ambiental. Os primeiros grupos organizados pela GEN, chamadas de “ecovilas sementes” (GEN, 2019), contava com participação de diversos países do mundo. O programa foi lançado globalmente em 1996, no Habitat II, e obteve grande sucesso.

Segundo dados do GEN (2019) observados abaixo na figura 02, atualmente são cadastradas no site 910 ecovilas, presentes nos cinco continentes. O continente Europeu é o que conta com o maior número de ecovilas, podendo estar esse fato associado ao alto teor de urbanização e industrialização, que faz com que mais pessoas procurem uma solução de menor impacto ambiental e maior contato social, seja por meio de ecovilas (rurais) ou de ecobairros (urbanos).

Uniguacu
Centro Universitário

Lammas, a primeira ecovila experimental do País de Gales, em uma área rural de Pembrokeshire, considera o ser humano como parte do ecossistema, é baseado na permacultura e exige que o sustento das famílias ali residentes seja

Figura 02: Mapeamento de Comunidades Intencionais



Fonte: GEN, 2019.

proveniente da terra no prazo máximo de cinco anos, caso contrário a família é obrigada a se retirar.

Em 2012, um casal em busca de uma vida com baixo impacto ambiental, iniciou a construção de sua casa (GRAND DESIGNS, 2016). A intenção da família era uma residência que pudesse armazenar energia térmica, de baixo custo financeiro, reaproveitamento de materiais que a natureza oferece, como a terra escavada, fardos de palha e madeira, por exemplo, utilizadas para o piso e a estrutura. Eles pensaram em várias estratégias para usar em seu favor principalmente no âmbito térmico, pois a região é fria e chuvosa e as ecohouses (casas ecológicas, de baixo impacto) buscam a maior eficiência possível de acordo com os materiais e técnicas que podem ser utilizados.

A preocupação do casal vai além de um teto, buscam primar pelo cuidado com a terra, cultivando seu próprio alimento, criando animais e afetando da menor forma o ambiente que habitam. Eles recebem auxílio voluntário de pessoas vindas de diversas partes do mundo que querem aprender a construir essas moradias, diminuindo ainda mais o custo com mão-de-obra. O prazo final de conclusão da obra foi mais do que o estimado, devido às outras atividades

que exigiram atenção da família, para que pudessem permanecer naquele local e ser considerados autossuficientes.

3.3 Comunidades sustentáveis no Brasil

A organização de comunidades sustentáveis, denominadas neste artigo como ecovilas, é mundial, e surgiu da necessidade prevista principalmente nos documentos das conferências das Nações Unidas, do teor ambiental do Rio-92 e dos aspectos dos assentamentos humanos de Istambul.

A cidade tem uma interrelação em seus aspectos que causa muitos impactos ambientais e exclusão social, essencialmente por meio das construções, espaços ociosos, concentração da população urbana, fatores que diminuem a área de reservas naturais.

A busca incessante por soluções ambientais, pelo melhor processo de desenvolvimento urbano, pelo uso racional dos recursos naturais, por prevenir a disponibilidade de recursos às futuras gerações, entre outros fatos, levou algumas pessoas a almejar um lugar em que pudessem estar em sintonia com o meio ambiente, de forma que a sustentabilidade fosse o principal guia para tal.

Partindo desses elementos, foram selecionadas algumas ecovilas brasileiras que se destacam por desenvolverem uma política habitacional ambiental, social e economicamente eficientes, com pontos falhos, mas pequenos se comparados com bairros urbanos, por exemplo.

Localizada na Serra da Mantiqueira, entre Piracaia e Joanópolis (São Paulo), a ecovila Clareando é um loteamento rural que tem por objetivo estar em sintonia com a natureza, utilizando os recursos disponíveis de forma sustentável (CLAREANDO, 2019). A comunidade segue os termos da agenda 21 e os parâmetros definidos pelo Rio-92 para a construção e desenvolvimento de ecovilas.

A área de 23 hectares conta com 2 hectares de mata nativa, quatro nascentes e inúmeras araucárias e animais. Algumas das atividades desenvolvidas pelas famílias que moram ali incluem permacultura, apicultura, horticultura, construção com materiais alternativos.

A infraestrutura conta com ruas, energia elétrica e saneamento, reflorestamento e a consequente criação de um microclima. Visando o baixo

impacto ambiental, as residências da ecovila utilizam técnicas construtivas sustentáveis.

A construção das casas é feita com tijolos de adobe ou solo-cimento, pau-a-pique, estruturas de madeira de reflorestamento, acabamento em terraesterco, pintura de terracal, forros térmicos de lona e bambu, vidros reaproveitados, tratamento com óleo velho. Todas as construções contam com sistemas de captação da água da chuva e tratamento de esgoto, sendo previsto em projeto um sistema de aquecimento solar para cada residência.

Guiado pela espiritualidade franciscana, cujos princípios estão fortemente ligados à ecologia, esse assentamento é um dos melhores exemplos de como a arquitetura e o ser humano podem estar em sintonia com o meio natural sem causar grandes impactos no local.

A ecovila Arca Verde, encontrada em São Francisco de Paula (Rio Grande do Sul), tem enfoque na permacultura e defende o cuidado e a valorização das relações humanas, naturais e sustentáveis. Oferece cursos nas áreas de bioconstrução, ecologia, agrofloresta, danças, artes, cura e outros.

A fonte de renda do local é obtida com os cursos, visitas, venda de produtos e serviços. Tem uma espiritualidade forte, marcada pela celebração dos ciclos naturais, respeitando o caminho espiritual coletivo e individual. A Arca é um membro da GEN e da CASA. Conta com edificações em terra crua, saneamento ecológico (água cinza e água preta), sistema de energia solar, telhados verdes, residências com banheiro seco, compostagem, energias sustentáveis, fogões de alta eficiência, confecção de valas em nível para retenção de água e produção de alimentos (Swales), cultivo de plantas alimentícias não-convencionais, produção de biofertilizantes e insumos agroecológicos, entre outros (ARCA VERDE, 2019).

A ecovila Viver Simples, no município de Itamonte (Minas Gerais), acolhe os visitantes em chalés, oferece cursos e segue a filosofia taoísta. É caracterizada como um condomínio rural, e tem como alvo voltar ao simples e à natureza pela sustentabilidade rumo ao futuro (VIVER SIMPLES, 2019).

Denominada como um espaço comunitário educacional, a ecovila Bambu, em Ivoti (RS), vive e ensina técnicas ligadas à bioconstrução, agricultura, energia alternativa e o conservadorismo. É explorada na ecovila a bioconstrução com terra, cob, cordwood, super-adobe, telhado verde, agrofloresta, geodésicas,

fogões de alta eficiência energética, aquecimento solar, compostagem, minhocário, sistemas de biorremediação de água, etc. Tem como princípios Deus, a família, o cuidado com a terra, a arte e o belo e servir e praticar a caridade. O nome Bambu vem do significado que essa planta carrega, por se curvar sem quebrar, parecer frágil sendo forte, cresce sempre para o alto, vive sem adornos, na simplicidade (BAMBU, 2019).

A Aldeia Arawikay, na cidade de Antônio Carlos (Santa Catarina), visa a preservação e a recuperação florestal da maior parte da área original, trabalhando com a permacultura e a espiritualidade da Terra. Desenvolve programas para recuperação do contato natural e com a vitalidade de cada integrante. Todo aquele que passa por essa aldeia é convidado a dispor de sua energia e se colocar como um guardião da natureza (ARAWIKAY, 2019).

A ecovila El Nagual, fundada no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) há mais de 27 anos, vivencia a preservação e o respeito pelo meio ambiente, a gestão sustentável de recursos, estudos de zoneamento, planejamento de ocupação do solo, boas práticas de convívio, oferecendo cursos de permaculinária, agrofloresta, bioconstrução, mosaico e vitrofusão. Tem como objetivos questionar o indivíduo sobre seus sonhos reais, planejar, realizar e celebrar (EL NAGUAL, 2019). A relação cultural dessa ecovila pode ser observada na figura 03:

Figura 03 – Detalhes da Permacultura



Fonte: EL NAGUAL, 2019.

3.4 Estratégias para projetos mais sustentáveis

Há condomínios que se intitulam ecovilas, sem, porém, pertencer a esse grupo. Distorcem o conceito de sustentabilidade e não aplicam ele em sua totalidade. Os condomínios ecológicos não impõem como regra que os moradores construam suas residências com técnicas construtivas sustentáveis, nem sistemas de captação pluvial ou de energias renováveis.

Os projetos de ecovilas ou ecobairros devem:

- Respeitar a topografia do terreno, analisando as áreas de preservação de recursos naturais e mantendo a paisagem natural o máximo que for possível;
- Reduzir as superfícies impermeáveis para maximizar a absorção da água da chuva, evitando que esta se acumule de modo indesejado;
- Empregar no terreno e no paisagismo materiais que atuem na prevenção da erosão do solo e de ilhas de calor;
- Reutilizar as águas cinzas e pluviais, aproveitando-as na irrigação de jardins e hortas;
- Prever a diminuição do consumo de água com a adoção de equipamentos e tecnologias de alta eficiência e com sensores;
- Implantar sistemas renováveis, como energia solar, eólica, biogás, entre outros;
- Adotar técnicas construtivas vernaculares e buscar tecnologias construtivas novas e alternativas;
- Primar pelo uso dos recursos locais e escala humana.

Muitas outras estratégias arquitetônicas podem ser exploradas e adaptadas conforme a necessidade que cada projeto exige. A observância das características do local do projeto deve ser a diretriz para a escolha e aplicação dos métodos citados, considerando que os mais adequados serão aqueles que irão causar o menor impacto possível no meio ambiente, ou ainda que reestabelecerão a paisagem natural ao máximo, de modo que se houver alguma construção já existente, ela possa ser adaptada para as necessidades presentes e complementada com estratégias mais sustentáveis.

Uma ecovila é norteada pela sustentabilidade, que envolve muitos outros fatores. A comunidade deve buscar produzir seus alimentos e encontrar uma forma de sustento alternativa, sem que seja necessário sair da ecovila em busca de emprego, para alcançar a autossustentabilidade. A opção por uma determinada espiritualidade contribui na concepção de um vínculo comunitário

mais forte, sendo o traço mais presente em ecovilas que não sucumbiram com o passar do tempo, pois cria um laço fraterno entre os moradores e impõe objetivos comuns.

Espaços culturais e de lazer afirmam a identidade de um povo, sendo também primordiais para espalhar o conhecimento e a importância das ecovilas para uma sociedade mais sustentável.

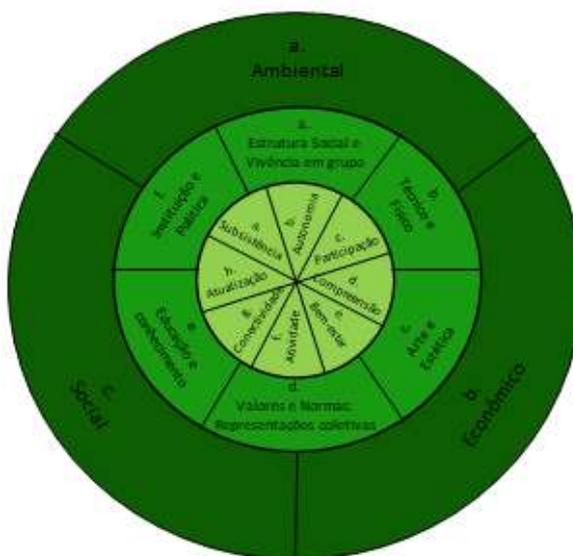
Figura 05 – Casas com Botellas



Fonte: AUTOSSUSTENTÁVEL, 2019.

A figura 04 mostra proporções dentro da sustentabilidade que fazem parte de uma ecovila:

Figura 04 – Roda da Sustentabilidade



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de WAGNER, 2012.

3.5 Materiais ecológicos

Concreto ecológico – Como meio para reutilizar os materiais descartados na construção, surgiu o concreto ecológico, que usa os resíduos como parte da composição da massa, também podem ser usadas fibras vegetais e cinzas (ISOLDI, 2007). Esse concreto se caracteriza por ser mais leve, facilmente moldável ou cortado e por ser biologicamente resistente.

Garrafas PET – O projeto social Casas con Botellas (ver figura 05) foi colocado em prática por uma boliviana, que teve a ideia de construir casas com um custo menor para famílias em situação de extrema pobreza. A primeira residência construída por ela utilizou 36 mil garrafas PET de dois litros, de 170 m². Os materiais necessários, além das garrafas plásticas, são garrafas de vidro, cimento, cal, areia, cola, sedimentos (para preencher as garrafas), resíduos orgânicos, aros e glicose. Essa construção pode ser finalizada em até 20 dias, com ajuda de 10 voluntários (AUTOSSUSTENTÁVEL, 2019).

Bambu – Um material renovável que tem sido cada vez mais estudado é o bambu, podendo ser aplicado no piso, parede, forro, lambris, portas, como material estrutural, confecção de móveis, muros e divisões. Ele tem grande propriedade mecânica e custo inferior a outros produtos, além de ser esteticamente agradável e ter um crescimento muito rápido (ISOLDI, 2007).

Figura 06 – Construção em bambu



Fonte: ISOLDI, 2007.

Figura 07 – Tijolo ecológico



Fonte: NAKAGAWA, 2017.

Figura 08 – Sistema Cordwood



Fonte: NAKAGAWA, 2017.

Técnicas de construção com terra (Adobe, superadobe, hiperadobe, tijolo ecológico, COB ou Cordwood, Taipa de pilão) – O adobe é uma das técnicas construtivas com terra mais antigas, sendo uma mistura de argila, areia, água e palha. Essa mistura é colocada em fôrmas e secadas ao sol. Esse método tem a capacidade de produzir conforto térmico, é de simples confecção, rápida aplicação, uso de materiais regionais e de baixo custo. Similar ao adobe, o superadobe utiliza sacos de propileno, areia, argila e matéria orgânica. O hiperadobe apenas substitui os sacos de propileno por sacos de tela de polietileno em malha Raschel, que melhorou em diversos aspectos a técnica (NAKAGAWA, 2017).

O tijolo ecológico, por sua vez, não leva palha em sua composição e é colocado em uma prensa manual ou automatizada com desmolde imediato, sendo diferenciado por não precisar ser queimado.

A taipa de pilão é uma mistura de areia, argila, água e palha socadas (apiloadas) entre taipas (fôrmas de madeira), removidas após a secagem completa do material. Tem baixo custo, é incombustível, altamente resistente e isotérmico. Comparada ao adobe, é bem mais resistente devido à compressão das paredes, que ficam compactas, sólidas e impermeáveis, porém é um processo cansativo e demorado.

Um sistema construtivo em que as paredes são autoportantes, resistentes ao fogo e a atividades sísmicas, com custo quase nulo de matéria prima, que fornece massa térmica e que possui a base mais larga do que o topo é o COB. É constituído por solo peneirado, água, resíduos agrícolas e outros aditivos (NAKAGAWA, 2017). O cordwood diferencia-se apenas pela utilização de roliços curtos de madeira empilhados na parede.

Há uma vasta gama de materiais ecológicos, de bioconstruções, de sistemas de energia renovável e de reaproveitamento. É necessário o estudo de diversas dessas técnicas para compreender a que melhor se adequa ao projeto proposto, levando-se em consideração o clima, o tipo de solo e os materiais disponíveis naquela região.

4 RESULTADOS E CONCLUSÃO

As ecovilas podem ser implantadas tanto na área urbana como na área rural, pois requerem apenas um espaço para as construções e meios de convívio comunitário.

Aquelas bem-sucedidas contam com construções que não agridem o meio ambiente, materiais ecológicos de baixo impacto, procuram preservar ou recuperar a natureza ao redor, têm sistemas de ventilação e iluminação naturais, sistemas de tratamento de esgoto, de captação da água da chuva, permacultura, atividades em grupo, algum tipo de espiritualidade; etc.

As dimensões social, ambiental, econômica e cultural/espiritual devem estar interligadas para o bom funcionamento de uma ecovila. Quanto à dimensão social, contribui no sentimento de pertencimento a uma comunidade que tem uma identidade única, respeitando seus membros e dando uma sensação de segurança aos moradores.

Na dimensão ambiental, proporciona uma ligação íntima com a natureza, cultivando os alimentos para consumo, priorizando a prática orgânica, construindo suas residências com matéria prima local e respeitando o meio ambiente.

A cerca da dimensão econômica, investindo e mantendo o dinheiro na comunidade, valorizando o serviço local. E quanto a dimensão cultural/espiritual, reunindo os moradores em atividades culturais, ensinamentos e práticas (inclusive aquelas ligadas à construção das residências), rituais e celebrações.

Algumas ecovilas têm seu próprio sistema econômico, mantendo seus residentes ativos e trabalhando apenas dentro da comunidade, o que fortalece o vínculo entre os moradores e faz com que estas sejam as mais promissoras. Outras ainda necessitam de outros meios de subsídios, não provenientes do próprio local, rompendo com alguns dos princípios norteadores da sustentabilidade e sendo afetadas principalmente em relação ao desenvolvimento delas, ficando estagnadas e em pouco tempo deixando de existir.

A escolha da técnica construtiva e dos materiais deve ser feita considerando a região em que a edificação estará inserida, o solo e as necessidades referentes ao conforto do usuário. A maior parte das pesquisas anteriormente citadas neste artigo, constatou que há uma grande satisfação dos usuários em morar em uma ecovila, mesmo naquelas que não abordam todos os parâmetros da sustentabilidade e as melhores técnicas construtivas.

Embora a preocupação com moradias sustentáveis e com a preservação do meio ambiente cresça ano a ano, ainda é baixo o número de residências eficientes e pessoas que procurem formas alternativas de construção, o que prejudica a implantação de ecovilas e ecobairros. Muitos não têm conhecimento sobre o tema e julgam de forma errada esse modo de viver.

A formação de uma ecovila deve estar embasada em princípios partilhados por todos os residentes, para que o convívio seja o mais harmonioso possível.

Em arquitetura, essas comunidades surgem como oportunidade para estudos mais aprofundados de técnicas construtivas mais ecológicas, que unam o conforto de uma residência e o menor impacto ao meio ambiente. Também os sistemas de compostagem, biodigestores, geração de energia, captação e

reaproveitamento de água, entre outros, são muito utilizados nas ecovilas, permitindo aprimorar esses sistemas.

As ecovilas podem servir como base para uma nova arquitetura, mais voltada à sustentabilidade e à métodos construtivos energeticamente eficientes, que envolvem comunidades inteiras morando em residências muito mais confortáveis e produzindo seu próprio alimento em espaços reduzidos.

REFERÊNCIAS

- ARAWIKAY (2019). Página da web. Disponível em: <http://www.ecoaldeia.org/quem_somos.htm>. Acesso em: 03/04/2019.
- ARCA VERDE (2019). Página da web. Disponível em: <<http://www.arcaverde.org/new/about/>>. Acesso em: 02/04/2019.
- AUTOSSUSTENTÁVEL (2019). Página da web. Disponível em: <<http://autossustentavel.com/2014/05/boliviana-constroi-casas-de-pet-para-familias-carentes-em-20-dias.html>>. Acesso em 23/05/2019.
- BAMBU (2019). Página da web. Disponível em: <<https://ecovilabambu.org.br/objetivos/>>. Acesso em: 03/04/2019.
- BARTON, H. (2000). The Potential for Eco Neighbourhoods. Earthscan Publications, Londres.
- BASCH, A. (2016). Ecobairro uma proposta para a regeneração sustentável da zona do Parque Mayer. Dissertação - Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BONFIM, I. G. (2010). A Sociedade no Século XXI e a Relação com a (In)sustentabilidade e a Ética Ambiental. Estudo de Modelos – Comunidades de algumas Regiões do Brasil da Espanha e Portugal, como exemplo de Sustentabilidade e Ética Ambiental. Tese de Doutorado, Salamanca.
- CASTELNOU, A. M. N. (2003). Arquitetura e sustentabilidade na sociedade de risco. Terra e cultura, Londrina-PR.
- CECCHETTO, C.T.; CHRISTMANN, S.S.; DAGORT, C.; GÜNTZEL, V.; SILVEIRA, M.; OLIVEIRA, T.D.; PASINATTO, L. (2014). Ecovilas e condomínios ecológicos como alternativas na habitação sustentável. RevInt, Rio Grande do Sul.

CLAREANDO (2019). Página da web. Disponível em: <<http://www.clareando.com.br/interno.asp?conteudo=construcoes>>. Acesso em: 29/03/2019.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987). Our common future. 1a ed.

COSENTINO, L. T. (2017). Sustentabilidade na Construção Civil: Propostas de diretrizes baseadas nos selos de certificação ambiental. Juiz de Fora: UFJF, p. 32.

ECOEICIENTES (2019). Página da web. Disponível em: <<http://www.ecoeficientes.com.br/o-que-e-uma-ecovila/>>. Acesso em: 19/05/2019.

EL NAGUAL (2019). Página da web. Disponível em: <<http://artnagual.com.br/ecovila/historia/>>. Acesso em: 10/03/2019.

FABRI, A. (2015). ECOVILAS: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade. Curitiba – PR: UFPR.

GEN. Página Institucional. Disponível em: <<https://ecovillage.org>>. Acesso em 14/04/2019.

GIL, A. C. (2002). Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo.

GRAND DESIGNS (2016). Pembrokeshire: Low-Impact House. Temporada 17, episódio 6. Disponível na plataforma Netflix, “T9: E6 Pembrokeshire”, em: <<https://www.netflix.com/title/80160755>>. Acesso em 12/04/2019.

ISOLDI, R.A. (2007). Tradição, inovação e sustentabilidade: desafios e perspectivas do projeto sustentável em arquitetura e construção. Porto Alegre.

KIBERT, C. J. (1994). Establishing Principles and a Model for Sustainable Construction. Proceedings of the First International Conference on Sustainable Construction. CIB Publications TG 16, Roterdã.

MOTTA, S.R.F.; AGUILAR, M.T.P. (2009). Sustentabilidade e Processos de Projetos de Edificações. Gestão e Tecnologia de Projetos, Vol. 4, Nº 1.

NAKAGAWA, B.Y.M. (2017). Aplicações de ecotécnicas na construção civil e comparação com técnicas tradicionais. UNESP.

SATTLER, M.A. (2003). O refúgio biológico Bela Vista: experiência de implantação de um empreendimento sustentável. Inglaterra.

SILVA, C.F.R.; VARGAS, M.A.M. (2010). Sustentabilidade Urbana: Raízes, Conceitos e Representações. Scientia Plena, vol. 6, Sergipe.

SOARES, A. L. (2002). O Espaço e a População nas Ecovilas. Revista Permacultura Brasil. Pirenópolis, Goiás. Nº 06.

SPIRN, A.W. (1995). O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade. São Paulo: Edusp.

VIVER SIMPLES (2019). Página da web. Disponível em: <<http://www.viversimples.org/projeto.html>>. Acesso em 02/04/2019.

WAGNER, F.; ANDREAS, M. (2012). Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches. RCC Perspectives, Alemanha.



ESTAÇÃO CULTURAL MALLET, REVALORIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO POR MEIO DA CULTURA E DO LAZER

Francielli Boiko
Bruna Maidel¹
Silvia Letícia Vacelkoski²
Gilda Maria Botão Ayres Pereira³

RESUMO: O presente artigo busca apresentar o significado e o conceito de Centro Cultural, bem como a sua origem e suas características formais e funcionais, promovendo a união entre a comunidade e os acontecimentos locais, proporcionando cultura e integração social. Os Centros Culturais são espaços onde o mundo da cultura e das artes se compõem, esses sendo imprescindíveis para o desenvolvimento humano, podem gerar benefícios para a saúde física e mental, além de levantar questionamentos acerca dos assuntos relacionados ao indivíduo e a sociedade. A metodologia do trabalho envolveu estudos de casos de projetos já existentes, sendo eles, o Centro Cultural Georges Pompidou, Centro Cultural São Paulo e o majestoso e imponente Centro Heydar Aliyev. Não existe um modelo definido de Centro Cultural, porém o mesmo deve exercer atividades culturais diversificadas e um programa de necessidades com atributos essenciais para seu bom funcionamento, sendo considerado um polo de cultura viva, promovendo assim a valorização do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE Centro Cultural. Espaço público. Lazer. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Com a chegada da modernidade os valores humanos foram sendo abandonados por conta da tecnologia e do individualismo das pessoas. O contato físico ou visual já não é mais necessário para se ter uma conversa ou momentos descontraídos. O uso da tecnologia globalizou o individualismo de forma que as pessoas já não saem de suas casas confortáveis para ter um momento de lazer diferenciado sendo em um parque, uma praça ou até mesmo um espaço destinado a cultura e aos costumes locais.

O interesse da pesquisa surgiu pela busca de uma arquitetura que seja capaz de proporcionar um espaço público de integração social, com a valorização da cultura, do comércio e do lazer. A cultura tem um papel

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Pós-graduação MBA em gerenciamento de obras, tecnologia e qualidade da construção pelo IPOG. Mestranda no programa de pós-graduação em engenharia da construção civil, área de concentração ambiente construído, pela UFPR. Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário do Vale do Iguaçu (Uniguauçu), e autônoma no escritório de B.Maidel Arquitetura.

² Mestre em Engenharia de Construção Civil. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Professora no Centro Universitário Vale do Iguaçu (Uniguauçu)

³ Mestranda em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP. Possui graduação em Educação Artística pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1989) e graduação em arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993). Atualmente é professor - Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu, voluntário do Conselho de Urbanismo de União da Vitória, professor do magistério superior do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória. Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Planejamento Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura sustentável, edificação de arquitetura, desenvolvimento territorial, cidades sustentáveis e indígena.

fundamental no desenvolvimento das pessoas. Tratando-se do âmbito artístico cultural é possível afirmar que ela é capaz de transformar vidas, mudar rumos e levantar questionamentos acerca de assuntos relacionados ao indivíduo e à sociedade, exercitando o senso crítico e, mais que isso, enriquecendo a alma dos que são atingidos por ela, além de trazer benefícios para a saúde física e mental. Os centros culturais são compreendidos como exemplos de participação, inclusão e integração, onde são ofertadas oficinas variadas relacionadas à arte, cultura, música, atividades físicas e assistência à comunidade local, proporcionando assim conhecimentos e oportunidades antes não existentes (NEVES, 2013, p 1).

Portanto é válido buscar o conceito, a origem, a propagação e as atividades que devem acontecer nos espaços culturais para se propor um Centro Cultural. Embora não haja um modelo definido de centro cultural, ele participa da elaboração da imagem da cidade, sendo muitas vezes objeto de desejo dos órgãos públicos por ser um símbolo da civilidade e elemento de status.

Assim como a maior parte das cidades brasileiras, Mallet, localizada no Sudeste Paranaense, aproximadamente a 230 quilômetros da Capital Curitiba, com pouco mais de 13 mil habitantes, também sofre com a escassez de espaços adequados destinados às manifestações culturais e artísticas e é a partir dessa necessidade que a Estação Cultural Mallet nasce. O objetivo deste trabalho é o de explorar as necessidades e características pertinentes de um centro cultural para uma cidade de interior e de pequeno porte como Mallet.

2 MÉTODO

A investigação se fundamentará na abordagem qualitativa de pesquisas realizadas em bibliografias existentes, através de livros e artigos que permitem o desenvolvimento da revisão bibliográfica narrativa, bem como as análises dos estudos de caso de projetos já existentes. Foram feitas buscas pelas presentes fontes, Google Acadêmico, Scielo, sites de Universidades, dissertações, monografias e teses, além de fontes documentais de jornais e livros. As palavras com ênfase na busca foram “Centro Cultural” “Cultura” e “Área de lazer”, filtrando assim os trabalhos por meio de títulos, palavras chaves e resumo.

Serão estudados os seguintes Centros Culturais:

- Georges Pompidou por ser o primeiro a ser construído e um dos mais icônicos, bem como por ser considerado modelo de centro cultural pela imponência física e qualidade das atividades ali realizadas.
- Centro Cultural São Paulo por ser o primeiro a ser construído no Brasil.
- Centro Heydar Aliyev, majestoso e imponente, o edifício é símbolo da arquitetura desconstrutivista e não passa despercebido.

3 CENTRO CULTURAL: ARQUITETURA MOTIVANDO A CULTURA

O ser humano sempre teve uma relação íntima com a cultura. Desde o momento em que nascemos, estamos conectados aos rituais, línguas, crenças e costumes de uma determinada sociedade e é através dessa perspectiva que passamos a enxergar o mundo que nos cerca. Por muito tempo, estudiosos tentaram definir o conceito de cultura e essas definições foram sendo fragmentadas com o passar das décadas, tanto pela abrangência do termo, quanto por sua característica mutável. A cultura vai muito além de uma forma de expressão, ela ressalta a identidade específica de cada região e muito além disso, de cada indivíduo no seu particular. Sendo a forma de pensar, o estilo de vida, as concepções as crenças e os costumes são norteadores da formação de um ser que se destaca perante a sociedade por defender aquilo que acredita (Edward Burnett Tylor, 1917, p. 22).

As ascendências dos Centros culturais estão na Antiguidade Clássica e entre exemplos de complexo cultural está a Biblioteca de Alexandria. Composta por palácios reais, onde guardavam variados tipos de documentos com o objetivo de preservar o estudo existente na Grécia Antiga, em diversas áreas como religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, geografia, entre outros, continha também um local próprio de estudo e de culto as divindades onde era armazenado estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, a mesma ainda possuía um anfiteatro, um observatório, jardim botânico e zoológico à caracterizando como o mais nítido e antigo Centro Cultural (RAMOS, 2007).

A partir do século XIX é que foram originados os primeiros centros culturais ingleses designados como centros de artes. No entanto, apenas no final

da década de 1950, na França, é que surgiram as bases do que, contemporaneamente, entende-se como ação cultural. Os espaços culturais foram criados a partir de uma alternativa de lazer para os operários franceses, com o objetivo de melhorar as relações trabalhistas, assim, criando áreas de convivências e centros sociais.

Dentre os países mais desenvolvidos surgiu a iniciativa de construir esses espaços, a França foi a pioneira e conquistou ainda mais os olhares de todo o mundo após a construção e divulgação do Centro Cultural Georges Pompidou, considerado modelo de centro cultural pela imponência física e qualidade das atividades ali realizadas.

Já a criação dos centros culturais em nosso país é mais atual, iniciando por volta dos anos 80 com a construção do Centro Cultural do Jabaquara e do Centro Cultural São Paulo, ambos em São Paulo.

Não é à toa que a arquitetura se torna exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultural. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um Centro Cultural feio seria uma incoerência. Tudo isso leva a dominação do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir (Luís Milanese, 2003)

Ainda que não haja um modelo definido de centro cultural, o desenvolvimento desse título em fachadas dos edifícios adverte a necessidade de se questionar o que verdadeiramente é um centro cultural e qual sua característica, podendo ser denominados como instituições criadas com o objetivo de se reproduzir e elaborar práticas culturais e bens simbólicos. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de arte, informação, em um processo crítico, grupal e dinâmico. Tornando-se, portanto, um lugar que acolhe e incentiva variadas formas de expressão e interação dinâmica da cultura e educação.

4 CENTRO CULTURAL E CULTURA: DEFINIÇÕES

A cultura é aprendida na convivência entre as pessoas e passada de uma geração a outra por meio da família, da escola, da igreja, dos grupos de amigos, entre outros. Por meio dessas instituições, o indivíduo adquire conceitos,

atitudes e comportamentos. A cultura é a essência da sociedade, presumindo que o homem carece de uma direção, para descobrir a sua origem e identidade. Para chegar nesse entendimento, há toda uma técnica de identificação não apenas intelectual, mas também artística através da música, desenhos, danças, estilo de vida, arquitetura e todas as ações que ocorrem ao seu redor. Fazendo um paralelo com o conceito de entretenimento que muitas vezes está pertinente ao que fazemos em nossos momentos de lazer, além de associar o lazer a práticas culturais, como cinema, música, teatro.

A cultura vive um ciclo constante de desenvolvimento, alterações e aprimoramentos, tendo esses fatores como contribuintes para o seu enriquecimento através dos avanços e criações da sociedade, e pelos ganhos de outros grupos. Ainda com relação a cultura é interessante ressaltar que apesar de ela representar um grupo ou uma coletividade a sua percepção ou representação pode ser também individualizada, nesse sentido a cultura é também responsável pela redução dos níveis de criminalidade de uma sociedade, por conta de trazer valores éticos, de cidadania e moral.

Jordão (2014) acredita que a cultura é um instrumento de transformação, é a formação ideológica do mundo. São as opiniões e ideias que enriquecem o espaço. Por isso é de extrema importância que espaços culturais existam para todas classes sociais, sem exceções de especificidades, a cultura deve ser fornecida pelo governo como um item fundamental da formação de um indivíduo, somente com esse fator teremos indivíduos mais preparados para o mercado de trabalho, para uma melhor educação, por mais respeito individual, por mais melhorias no nosso sistema governamental, por um Brasil melhor.

O centro cultural sendo um lugar que concentra vários equipamentos culturais em um só, oferta essa perspectiva de reconhecimento individual e coletivo, através de diferentes ações e procedimentos, desde as mais pequenas até as mais notáveis, ajudando o indivíduo a desenvolver e criar olhares de si e sobre o mundo.

Atualmente, pela escassez de espaços públicos adequados nas áreas periféricas, os centros culturais atuam como agentes transformadores de um determinado local, permitem a conceituação de uma nova arquitetura interligada ao mundo cultural comunitário, conseqüentemente atraindo a população local para o meio de descobertas do conhecimento, através de atividades

relacionadas a informação, discussão e criação. Dessa forma é possível obter laços com a comunidade ao mesmo tempo que inclui os mais diferentes grupos sociais, principalmente os menos favorecidos a sociedade, no qual o centro cultural acaba se tornando um equipamento informacional.

5 ESTUDOS DE CASO

5.1 CENTRO CULTURAL GEORGES POMPIDOU

O Centro Cultural Georges Pompidou é um complexo cultural fundado em 1977 na praça Beaubourg, no coração de Paris. Desenhado pelo renomado Arquiteto Renzo Piano e pelo Arquiteto italiano Richard Rogers, a obra é fruto de um projeto encomendado pelo presidente do país da época, Georges Pompidou que queria criar um espaço cultural onde a arte moderna e contemporânea pudesse conviver de forma harmoniosa com outras formas de expressões artísticas como livros, música e cinema. Com sua estrutura metálica, canos coloridos e aparentes, e bem mais alto que os edifícios ao redor, o prédio destoa da paisagem da Paris de cores neutras (Figura 1).

O Centro Pompidou é um dos principais exemplos da arquitetura high-tech, uma tendência dos anos 70 e que continua a ser explorada até hoje. A arquitetura high-tech utiliza os elementos tecnológicos como objetos estéticos, isto pode ser observado nas grandes tubulações aparentes e no sistema estrutural em aço (La Parola, 2012).

O museu ocupa um pouco menos que a metade do seu lote, o que permitiu a criação de uma larga praça seca inclinada em frente a edificação que faz o papel de introduzir com vida a estrutura high-tech do prédio nos tradicionais arredores e ruas de Paris (Figura 2). A praça além de dar acesso ao museu os visitantes podem acompanhar apresentações de artistas. O Centro Georges Pompidou está dividido em seis pavimentos de 7.500 m² cada um.

A conexão que o edifício faz com o interior e exterior, do ambiente em que está inserido, é também outra característica de destaque da obra. O edifício é mais que uma grande caixa metálica inserida no espaço, é parte do

ambiente. Além da transparência da infraestrutura, as entradas e saídas foram distribuídas com o objetivo de facilitar a movimentação entre os ambientes. Dessa maneira, os visitantes podem ter uma bela vista da cidade de Paris, em qualquer lugar do Centro Georges Pompidou.

Figura 1 – Centro Georges Pompidou - Vista aérea



Fonte: VivaDecoraPRO, 2019

Figura 2 – Centro Cultural Georges Pompidou



Fonte: VivaDecoraPRO, 2019

5.2 CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

O Centro Cultural São Paulo é um espaço público destinado ao convívio e a cultura. O público é recebido em quatro pavimentos, totalizando uma área de 46.500m². Está localizado entre a Rua Vergueiro e Avenida 23 de maio, e entre as estações Vergueiro e Paraíso do Metrô. Foi inaugurado em 13 de maio de 1982, a partir da necessidade da extensão da Biblioteca Mário de Andrade e transformou-se em um dos primeiros espaços culturais do país. O projeto foi

desenvolvido por um grupo de arquitetos coordenado por Eurico Prado e Luiz Telles, deu origem a um espaço denominado pela arquitetura do encontro.

O Centro Cultural São Paulo, integra-se com a paisagem mais não se impõe visualmente (Figura 3). A volumetria do edifício associasse com a topografia logo são gerados diferentes volumes. Na Rua Vergueiro a volumetria é baixa e discreta, já na Avenida 23 de Maio é vista a borda da viga da cobertura. O edifício possui quatro entradas de pedestres através da Rua Vergueiro, todo o Centro Cultural é percorrido por uma rua interna que distribui os fluxos e as circulações. O programa de necessidades é dividido por áreas e todo seu acesso é através da rua interna, essa rua conduz através de escadas, as plateias dos teatros, cinema e auditório no pavimento abaixo, rampas que descem levando a biblioteca e sobem para a Pinacoteca. O projeto constitui-se como passagem e ponto de encontro para uma variada gama de pessoas diariamente (Figura 4). É um exemplo de urbanidade e diversidade, um espaço democrático, projeto cultural bem-sucedido (Archidaily, Brasil).

Figura 3 – Cobertura do Centro Cultural São Paulo



Fonte: Mobilidade Sampa, 2019

Figura 4 – Jardim Suspenso



Fonte: Veja São Paulo, 2019

5.3 CENTRO HEYDAR ALIYEV

O escritório Zaha Hadid Architects foi responsável pelo moderno e impressionante centro cultural na cidade de Baku, no Azerbaijão inaugurado no ano de 2013. Ocupando um total de 100 mil metros quadrados com um total de oito andares dedicados às artes, o projeto do Centro Heydar Aliyev estabelece uma relação contínua e fluida entre sua praça circundante a sua paisagem e o interior do edifício (Figura 5).

A praça, acessível a todos como parte do tecido urbano de Baku, se eleva para envolver um espaço interior igualmente público e definir uma sequência de espaços de eventos dedicados à celebração coletiva da cultura contemporânea e tradicional. (Figura 6). Suas formações como ondulações, bifurcações, dobras, e inflexões modificam a superfície da praça em uma paisagem arquitetônica que realiza uma infinidade de funções: acolher, abraçar, direcionar os visitantes através de diferentes níveis do interior (Archidaily, Brasil).

O projeto adaptou-se às condições topográficas que dividiam o terreno em dois, fator que posteriormente surgiu como uma solução para o estacionamento subterrâneo. Uma das principais qualidades do edifício é o esfumaçar da linha que separa o objeto arquitetônico e a paisagem urbana. Como se o volume do complexo cultural emergisse do solo da praça onde está instalado. Sua forma orgânica, de caráter empírico, favorece as muitas funções existentes no espaço

e direcionam naturalmente as pessoas pelo interior e exterior da obra. Majestoso e imponente, o edifício é um símbolo da arquitetura desconstrutivista e não passa despercebido.

Figura 5 – Centro Heidar Aliyev



Fonte: Archdaily, 2019

Figura 6 – Centro Heidar Aliyev



Fonte: Archdaily, 2019

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades relacionadas a cultura ajudam a comunidade a se desenvolver como um todo, criando histórias do local, proporcionando integração e inclusão social, gerando oportunidades, buscando transformar não somente o espaço como as pessoas que ali estão.

Nesse sentido, os Centros culturais se estabelecem como espaços que conservam e difundem as artes e os elementos da cultura e apresentam através de obras e momentos, o fruto da produção humana. Nesse sentido, os centros culturais se aproximam das praças onde, através do contato interpessoal e social, são produzidos bens culturais.

Assim, nos centros culturais, o cidadão entra em contato com as manifestações artísticas, bem como aprender a partir desse contato, de forma que se pode dizer que centros culturais também são centros de difusão do conhecimento e de aprendizado. Um centro cultural não deve ser um local que sirva somente como distração, mas sim ser considerado um espaço que possibilite uma dinâmica centrada de atividades variadas, desempenhando suas ações simultaneamente sendo interdependentes e multidisciplinares.

O arquiteto tem a missão fundamental para fazer com que a cultura se dissemine, temos poder de estimular a cultura para todos e ultrapassar as fronteiras. A partir do momento em que tiramos as exposições de artes de dentro de museus e levamos para o ambiente da comunidade e ainda mais estimulamos a prática da cultura e da arte dentro do contexto comunitário, estamos levando o patamar de vida dessas pessoas para um nível melhor de qualidade.

Com relação aos centros culturais de cidade de pequeno porte não foram encontrados estudos de caso relevantes, já que as três cidades em que os estudos foram feitos são de grande porte. Assim, ainda que os centros culturais analisados tenham grandes proporções e um programa de necessidade extenso, suas características podem ser tomadas como referência para centros culturais de diferentes tamanhos, que atendam cidades de diferentes portes, desde que atendidas as necessidades locais da população.

Portando, entendemos que para a elaboração de um espaço voltado a cultura, é necessário conhecer a população, buscando soluções para melhor se adequar ao espaço e a dinâmica do local, para que a cultura deixe de ser algo inatingível, e se torne uma rotina na vida das pessoas independente de sua classe econômica.

7 CONCLUSÃO

Ao longo deste projeto, foi possível constatar a importância da cultura para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Também foi evidenciado o poder que a arte tem de levantar revoluções e libertar o interior das pessoas. Assim sendo possível reestabelecer os laços de convivência entre a população e o espaço urbano. Ademais, é fundamental que a população tenha direito de participar e viver a cidade, não se restringindo ao ato de morar. Para isso,

construir ambientes para a interação e o convívio social, com incentivo a cultural e educação, é condição essencial para o desenvolvimento humano, econômico e social de todos.

Ao se projetar um centro cultural o programa de necessidades deve ser pensado para atender o tema do projeto e, principalmente toda a população do município, sem qualquer tipo de distinção, pois se caracteriza como um projeto público. Sendo assim, o mesmo consiste em oferecer a comunidade presente, atrações que atraia diferentes públicos nas diversas horas do dia, sendo amparado pelo comércio, estimulando assim a população a ter mais interesse pela cultura, movimentando a economia da cidade. O espaço cultural, além de oferecer diversas atividades culturais, deve ainda proporcionar a população áreas de convivência, bem como convidar as pessoas a vivenciarem, de fato, a cidade, expressando seus sentimentos e seus olhares sobre o mundo, promovendo a amabilidade urbana e valorizando o espaço público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM Salomão. **Centre Pompidou – Super Estrutura em Aço**. Point da Arquitetura e Urbanismo. 2012.

ARCHIDAILY Brasil. **Centro Heydar Aliyev – Zaha Hadid Architects**, 2013.

ARCHIDAILY Brasil. Clássicos da Arquitetura: **Centro Cultural São Paulo / Eurico Prado Lopes, Luiz Telles**, 2017.

CUNHA, Newton. (2010) **Cultura e Ação Cultural**. São Paulo: Edições SESCSP.

FABRI, Beatriz. **Heydar Aliyev Center**. Arquitetura de Ponta, 2017.

FERREIRA, Adrian Cristian Freire. **Vivacidade** centro cultural em clementina-sp. TCC (graduação) curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP, 2017.

FIGUEIREDO, Fabrícia de Souza. **Complexo Cultural em Planaltina, DF**. TCC (graduação) Universidade de Brasília Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, DF, 2014.

GENEROSO, Mariana Landin. **Espaço Moema** centro cultural e integração social. TCC (graduação) curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP, 2017.

GOVERNO DO BRASIL. **Centros Culturais**. Governo do Brasil, 2009.

GRESPLAN, Gabriela. **A Arquitetura Industrial do Centro Cultural Georges Pompidou de Paris**. Site La Parola, set/2012.

NEVES, Luciene Borges. **O centro cultural como equipamento disseminador de informação**: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural**: a cultura em promoção da arquitetura: revista Especialize On-Line IPOG, Goiânia, v. 1, n.005, julho/2003.

PINTO, Gabriela Baranowski; PAULO, Elizabeth; SILVA, Thaisa Cristina. **Os centros culturais como espaço de lazer comunitário: o caso de belo horizonte**. Cultur, Revista de Cultura e Turismo, n.02, junho/2012.

PLANELLIS, Flávia Rodrigues Savoini. **Estação Cultural uma arquitetura de cultura e memória**. TCC (graduação) curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Toledo, Araçatuba, SP, 2016.

PRIMO, Thalyson. Pompidou—Um Estrangeiro Naturalizado. Top on Medium, 2016.

SCHIMIDT, Pena. Centro Cultural São Paulo. Cidade de São Paulo, Cultura 2015.



Uniguacu

Centro Universitário

HABITAÇÕES TEMPORÁRIAS: ESTRATÉGIA TECNOLÓGICA PARA O ACOLHIMENTO DE PESSOAS APÓS TRAGÉDIAS, CATÁSTROFES E CONFLITOS POLÍTICOS

Paola Cristina Krüger¹
Bruna Maidel²
Sílvia Letícia Vacelkoski³
Débora Bulek Grobe⁴

RESUMO: Habitações temporárias são importantes para os pós tragédias, catástrofes e desabrigos por conflitos políticos. Para isso, necessitam estratégias tecnológicas para acolhimento dessas pessoas. É importante considerar a dignidade humana, o contexto histórico e cultural, entre outros fatores para trazer maior qualidade nesses abrigos. As pesquisas bibliográficas foram através de sítios eletrônicos, livros e teses, o objetivo é trazer algumas soluções para este problema, optando, portanto, pela pesquisa qualitativa. Há também a pesquisa exploratória, a fim de ajudar na formulação de hipóteses para cada estratégia de abrigo, permitindo a análise e assim chegar a soluções viáveis. Neste artigo, trazemos referências de abrigos, sugestões de Ian Davis, escritor do livro Shelter After Disaster, como as tendas e projetos com materiais indígenas. Concluímos então, que a necessidade de prever catástrofes e situações de desabrigados é relevante, não sabemos quando e onde exatamente podem acontecer, mas as probabilidades existem e precisamos trabalhar com elas para solucionar problemas antes mesmo de acontecerem. Dignidade humana como prioridade, para amenizar o impacto do problema pelo qual se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: Habitações temporárias; Habitações emergenciais; Abrigos; Acolhimento.

ABSTRACT: Temporary shelter are important for the recording of tragedies, catastrophes, and homelessness due to political conflicts. For this, it fills the technological issues for the reception of these people. It is important to consider human dignity, the historical and cultural context, the world outside. The bibliographical researches were carried through the electronic theme, books and theses, the objective is to bring some solutions to this problem, opting, therefore, for the qualitative research. There is also an exploratory research, an analysis of hypotheses for each search strategy, an analysis and thus reach viable solutions. In this article, we bring references to abbreviations, suggestions by Ian Davis, author's book Shelter After Disaster, as tents and projects with indigenous materials. Probabilities of occurrence of catastrophes and data summaries are relevant, they are not important when they occur and may occur, but the probabilities exist and are worked with the same to meet before the same. Human dignity as a priority, to soften the impact of the problem they are facing.

KEYWORDS: Temporary Shelters; Emergency Shelters; Shelter; Refuge.

1 INTRODUÇÃO

Freqüentemente temos notícias de catástrofes, tragédias em grandes escalas e temos situações de conflitos políticos que geram o desabrigo de

¹Graduanda de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário do Vale do Iguaçu (Uniguauçu)

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Pós-graduada MBA em gerenciamento de obras, tecnologia e qualidade da construção pelo IPOG. Mestrada no programa de pós-graduação em engenharia civil, área de concentração ambiente construído, pela UFPR. Professora no Centro Universitário do Vale do Iguaçu (Uniguauçu).

³ Mestre em Engenharia de Construção Civil. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Professora no Centro Universitário Vale do Iguaçu (Uniguauçu)

⁴ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2017). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo. É mestranda em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

grande número de pessoas. Estas situações podem ter algo em comum, como por exemplo, a perda das moradias da população atingida. Situações como essas, requerem grande atenção, afinal estas pessoas já estarão enfrentando suas perdas, sejam elas pessoais e/ou materiais. Portanto, devemos oferecer o maior apoio possível para manter a dignidade humana nestas ocasiões.

Seguindo esta lógica, traremos aqui sugestões de habitações temporárias, sendo essas, estratégias tecnológicas para o acolhimento de pessoas após tragédias, catástrofes e conflitos políticos.

As habitações temporárias devem ter como características itens importantes. Entre eles, deve ser pensado na proteção da população que fará uso delas de elementos externos como sol, chuva, ventos, calor, frio, entre outros, portanto deve-se levar em consideração o local em que será inserida a habitação. Manter a dignidade dos ocupantes é imprescindível, portanto deve-se refletir sobre os aspectos culturais da população, sem deixar de lado privacidade e segurança. Pensando de forma espacial, estas habitações não podem ser muito grandes e nem difíceis de construir, mas também não podemos deixar de compor este espaço para suprir todas as necessidades básicas dos habitantes.

Portanto, quais as estratégias de acolhimento possíveis para pessoas após tragédias e catástrofes? E para os refugiados políticos de diferentes países e culturas, como abrigá-los adequadamente?

Este artigo tem como objetivo geral, descrever alternativas habitacionais para o acolhimento de pessoas em situações de vulnerabilidade decorrente de emergências, catástrofes e refúgio político. Já como objetivos específicos, buscamos estudar situações que exigem abrigos temporários como soluções instantâneas, pesquisar regiões propensas a catástrofes e regiões com alto fluxo de refugiados, pesquisar o impacto dos abrigos e compreender quais abrigos serão mais funcionais para cada contexto.

Essas habitações têm como foco abrigar grupos de pessoas que perderam suas casas em catástrofes humanas ou naturais (ambientais) e grupos de pessoas que fogem de confrontos políticos. Em casos emergenciais, precisamos cogitar vários modelos para cada espaço. Situações como a dos refugiados, por exemplo, podemos refletir sobre todos os fatores climáticos e culturais. Em casos de catástrofes, precisamos considerar que em cada região

há climas específicos, os quais devemos analisar para desenvolver o projeto dessas habitações.

Portanto, em casos de abrigos de emergência, não podemos sugerir apenas um tipo de espaço, as mais variadas possibilidades devem ser planejadas. Em situações de longa data, há como pensar em algum projeto fixo, por exemplo, que permanecerá por mais tempo servindo para o acolhimento, podendo posteriormente ser inserida em outros contextos.

Procurar entender quais as possibilidades que se tem para construí-las de acordo com o contexto histórico e cultural de cada população, suas vantagens e a melhor maneira para que a dignidade humana seja uma prioridade para essas pessoas desabrigadas.

Este estudo pode trazer uma solução para este problema que está inserido no contexto histórico atual de muitos países. Trazer um pouco de conforto para pessoas que estarão passando por um momento delicado de suas vidas.

Como método de abordagem, será feita a pesquisa qualitativa. Para o desenvolvimento, pesquisas bibliográficas foram realizadas através de sites disponíveis em sítios eletrônicos, buscas em livros e teses.

Foi realizado estudos preliminares de habitações temporárias já existentes, para posteriormente considerar suas necessidades e contextos culturais e sociais. Estas informações foram coletadas a fim de estabelecer diretrizes para o desenvolvimento deste projeto.

Para Gonçalves (2015), o desastre é a soma de um fator ameaçador com uma circunstância vulnerável. Ao estudar as ameaças e os locais vulneráveis, torna-se mais fácil prever a ocorrência de desastres e assim adotar medidas preventivas. Portanto análise de situações e locais também deverão ocorrer. Como estes eventos são imprevisíveis, serão analisados fatos já conhecidos.

A pesquisa exploratória também será utilizada, a fim de ajudar na formulação de hipóteses para cada estratégia de abrigo e permitir analisar quais questões necessitam de maior atenção nas pesquisas.

Para isso, abordaremos inicialmente a contextualização dessas habitações temporárias emergenciais e analisar as principais hipóteses e contextualizações de situações que necessitem de um recurso de emergência. Na sequência, traremos algumas possíveis soluções para acolher de forma

digna, prática e seguindo as principais questões de conforto e segurança para a população atingida pela perda de seus lares.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DE HABITAÇÕES EMERGENCIAIS TEMPORÁRIAS

Ao longo dos anos, temos nos deparados com várias notícias sobre desastres naturais destruindo cidades inteiras, catástrofes humanas e a realidade de milhares de pessoas que precisam se refugiar em outros países para tentar uma vida melhor.

Em situações inesperadas, vemos muitas vezes os desabrigados tendo que se instalar inapropriadamente em alojamentos, sem um espaço devidamente planejado para acolher essas pessoas que acabaram de passar por perdas.

Para melhor atender à necessidade que esse momento pede, temos como solução as habitações temporárias. Estas, tem como principal característica abrigar pessoas em emergências.

Durante o pós-desastre há inúmeras maneiras de amparar as vítimas desabrigadas e se escolhido e implantado da maneira adequada, pode salvar famílias e grupos de pessoas, assim como prolongar a sobrevivência ao proteger de elementos externos e conservar a dignidade desses cidadãos (ANDERS, 2007, apud Lemes e Rezende, 2017). Para Barbosa (2012), o abrigo para as vítimas dessas situações é importante e torna-se ainda mais adequado ao estabelecer áreas privadas, proteger os habitantes contra as intempéries climáticas, estocar os pertences pessoais, dar suporte às atividades sociais e assegurar a manifestação da identidade cultural. Para optar pela melhor forma de resposta aos desabrigados deve-se observar o local, o tipo de danos causados, sem esquecer a importância da opinião da população atingida para propor medidas que realmente possam ajudar (ANDERS, 2007, apud Lemes e Rezende, 2017).

Quando pensamos em Habitações Temporárias, para muitos, a primeira imagem que vem em mente é de um espaço no qual podemos montar e desmontar em qualquer lugar. Esta é uma possibilidade, mas não necessariamente a única. Mesmo com essa condição temporária, podemos pensar em algo fixo. Dependendo do contexto do lugar e da situação que este

espaço está procurando suprir, ela pode vir a ser pensada na forma fixa, onde apenas a rotatividade de grupos de pessoas seja de caráter temporário.

Não podemos esquecer que as necessidades básicas das pessoas devem ser atendidas, afinal a dignidade humana requer atenção, principalmente quando essas pessoas acabaram de perder o seu lar.

Devem ter como características alguns itens de extrema importância. Entre estes itens temos a proteção dos grupos de pessoas que irão fazer o uso destas, de elementos externos como sol, chuva, ventos, calor, frio, entre outros, portanto deve-se pensar muito bem de acordo com o local em que será instalada a habitação. Manter a dignidade dos ocupantes é imprescindível, portanto deve-se dar atenção aos aspectos culturais da população também.

A população que perde seus lares fica desorientados por não terem mais para onde ir e muitas vezes por terem perdidos alguns familiares e amigos também, por isso a importância em hospedá-los adequadamente.

Pensando de forma espacial, estas habitações não podem ser muito grandes e nem difíceis de construir, mas também não podemos deixar de compor este espaço para suprir todas as carências mais básicas dos cidadãos.

Sabemos então, que a necessidade de projetar este perfil de habitação tem uma importância enorme em diversas situações, mas qual modelo seria mais adequado para cada?

Shigueru Ban, arquiteto japonês e grande contribuidor para as inovações na arquitetura e filantropia, sente-se desapontado por grande parte da arquitetura ser feita para privilegiados e não tanto para a sociedade mais necessitada. Sendo assim, Shigueru Ban dedicou boa parte de sua carreira para construções de arquiteturas de qualidade e baratas, incluindo projetos de abrigos de emergência em regiões de desastres. Segundo TED:

Muito antes de sustentabilidade se tornar um chavão, o arquiteto Shigueru Ban já havia começado seus experimentos com materiais construtivos menos agressivos ao meio ambiente, como tubos de papelão e papel. Suas impressionantes estruturas são muitas vezes concebidas como habitações temporárias, projetadas para ajudar nações atingidas por desastres como o Haiti, Ruanda ou o Japão. Entretanto, muito frequentemente estes edifícios permanecem como elementos benquistos na paisagem por muito tempo após terem servido aos seus propósitos.

Vemos hoje esse assunto presente em diversos artigos publicados, encontramos concursos de arquitetura usando como tema as habitações temporárias emergenciais entre outras publicações que encontramos facilmente em sítios eletrônicos.

Portanto, a arquitetura emergencial tem uma grande importância e urgência em ser discutida e pesquisada para melhor compreensão desse assunto e maior adequação de projetos e modelos que supram a falta dos lares dos indivíduos afetados. O ideal é fazer dessa arquitetura emergencial útil e acessível os residentes das regiões afetadas.

2.1 ESTRATÉGIAS PARA ABRIGOS

Para achar a melhor forma de abrigar os grupos de pessoas em situação emergencial, precisa-se observar muito bem o local onde se irá inserir os abrigos. Questões climáticas, por exemplo, são relevantes, assim como também as questões culturais da população.

O fim pelo qual estas pessoas encontram-se desabrigadas também faz parte dessas questões importantes para desenvolver um determinado tipo de abrigo.

Portanto, se pode desenvolver abrigos móveis, que servem para situações não planejadas, ou fixas, que nesse caso servem para situações onde há a possibilidade de desenvolver um projeto no qual, apesar do caráter temporário, o fluxo de pessoas desabrigadas aumenta a cada dia. Esse é um bom exemplo para o caso dos milhares de refugiados.

Assim, podemos sugerir algumas opções já existentes que podemos nos basear, trazidas no artigo de Giovanna Loíse C Lemes e Alex Nogueira Rezende. Segundo Davis (2015), temos duas propostas como solução nos próximos subtítulos, são estas as tendas e projetos padrões incorporando materiais indígenas. Em seguida, propostas sugeridas para este trabalho, abordando o uso de materiais de teor reciclável e casas modulares.

2.1.1 Tendas

São as formas mais comuns de abrigos emergenciais. Elas são populares por serem leves, compactas, de fácil transporte, construídas de maneira acessível e rápida, e com um armazenamento facilitado. Além disso, elas têm características que com o tempo as tornam antiquadas e assim, dificilmente tornam-se permanentes.

Todavia, muitas vezes estas barracas são pequenas para abrigar as famílias e seus pertences, além de em algumas situações terem um custo alto relacionado com o transporte delas. Outro fator negativo é que algumas vezes os campos de desabrigados ficam subocupados, pois as pessoas têm receio de perder suas propriedades ao deslocarem-se para as tendas.

Assim, entende-se que esta opção atende bem à primeira fase do pós-desastre por ter transporte e montagem rápidos e simples. Além disso, a questão do custo do deslocamento pode ser solucionada se houver locais para o armazenamento destas estruturas nas cidades com planos de gestão ao risco de desastre. (LEMES E REZENDE, 2017)

2.1.2 Projetos padrões incorporando materiais indígenas

Nos últimos anos tem sido estudado o uso de materiais indígenas na arquitetura emergencial, principalmente visando melhorar seu uso estrutural, todavia há poucos profissionais especializados nesses materiais participando destes tipos de projetos. Outro fator a observar é que eles ainda não são muito aceitos por algumas populações, um dos motivos para isto é que as formas dos abrigos são menos funcionais do que os tradicionais, logo os usuários têm dificuldade na adaptação. Além disso, existe o risco de esgotamento destes materiais por serem provenientes da natureza e estarem sujeitos aos danos ambientais. (LEMES E REZENDE, 2017)

2.1.3 Uso de materiais de teor reciclável

A motivação ambiental e social nos trás para um lugar de conscientização em relação ao desperdício, portanto é tendência gerar possibilidades com materiais de baixo custo e fácil acesso.

Dentro dessas possibilidades, temos as escolhas de materiais recicláveis para a elaboração de projetos emergenciais, tais como o papelão ondulado laminado, tubos de papelão, painéis de madeira, entre outros.

2.1.4 Casas modulares

Ouvimos falar hoje em dia sobre os pré-moldados, que são peças sob medidas construídas em fábrica, reduzindo o desperdício de materiais e permitindo uma construção mais rápida.

As casas modulares têm essa característica, assim como os pré-moldados.

Dependendo do material utilizado, podemos ter opções de habitações móveis, com a possibilidade de montagem e desmontagem para deslocamento e também a opção fixa, a qual permanecerá no local, sem permitir a transferência da mesma.

Como prós, temos a facilidade em construí-las, o não desperdício de materiais e suas possibilidades construtivas.

Como contras, nos casos móveis, o espaço para o armazenamento destas, quando não estiverem em uso, deverá ser grande e terá custos com o transporte e a sua montagem.

Outras opções podem se adequar como soluções em cada questão, com criatividade e bom desenvolvimento de projetos, podemos variar e encontrar soluções viáveis, práticas e fáceis de desenvolver, focando nas necessidades da população e seu contexto cultural.

3 DISCUSSÃO DE ESTRATÉGIAS

O método de abordagem para este artigo foi através de pesquisas qualitativas. Portanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas através de sites disponíveis em sítios eletrônicos, buscas em livros e teses.

Foi realizado estudos preliminares de habitações temporárias já existentes, para depois considerar suas necessidades e contextos culturais e sociais.

Estas informações foram coletadas a fim de estabelecer diretrizes para o desenvolvimento de soluções para abrigos com diferentes características.

Para Gonçalves (2015), o desastre é a soma de um fator ameaçador com uma circunstância vulnerável. Ao estudar as ameaças e os locais vulneráveis torna-se mais fácil prever a ocorrência de desastres e assim adotar medidas preventivas. Portanto análise de situações e locais também deverão ocorrer. Como estes eventos são imprevisíveis, serão analisados fatos já conhecidos.

A pesquisa exploratória por meio da pesquisa bibliográfica também foi utilizada, com o objetivo de ajudar na formulação de hipóteses para cada estratégia de abrigo e permitir analisar quais questões necessitam de maior atenção nas pesquisas.

3.1 ESTUDOS PRELIMINARES

As possibilidades para solucionar o problema e suprir a falta destes abrigos que estão sendo apresentados neste artigo, mostrou-se através das seguintes alternativas, tais quais foram pesquisadas posteriormente em um dos artigos usados como referência para este, escrito por Isabela Elicker Zampronio e Marta Mitiko Kubota de Siqueira.

3.1.1 ABRIGO LIINA - TURQUIA

Modelo foi desenvolvido por estudantes finlandeses, com o objetivo de abrigar temporariamente famílias de até cinco pessoas que habitam a região de Ararate, na Turquia. Útil para ser construído em climas continentais, mas podendo também, ser adaptado para outras regiões e culturas. Este protótipo pode ser montado por apenas duas pessoas com o uso de ferramentas comuns e possui um diagrama explicativo. Foi projetado para abrigar um grupo de pessoas por até cinco anos, e após este período as peças podem ser recicladas, revendidas ou relocadas em outro local com a necessidade de abrigos (LIINA, 2011, apud Zampronio e Siqueira, 2013). O conceito deste abrigo, de acordo com a mesma fonte, é baseado em painéis de madeira “sanduíches”, com largura de 60 cm, facilitando o transporte por um adulto. Estes painéis são fixados usando somente os encaixes na madeira e fitas de nylon, não

necessitando a utilização de ferramentas elétricas ou parafusos. No final da montagem, a estrutura é coberta com um toldo que protege dos raios ultravioletas e da água. Para formar um abrigo de maior área, o modelo permite que sejam adicionados mais painéis. (ZAMPRONIO E SIQUEIRA, 2013)



Fonte⁵



Fonte⁶

3.1.2 ABRIGO EX-CONTAINER - JAPÃO

Para abrigar vítimas do tsunami e terremoto que atingiram o Japão em 2011, os arquitetos Yasutaka Yoshimura desenharam este próximo modelo.

Possui medidas de containers de navios, os quais são transportados e montados facilmente. Foi desenhado para abrigar famílias rapidamente,

⁵ <https://www.archdaily.com/174909/liina-transitional-shelter-aalto-university-wood-program>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=rA05JPvNrxs>

possuindo também a opção de ser convertido em residências permanentes. (MINNER, 2011, apud Zampronio e Siqueira, 2013).

Os protótipos são chamados de ex-containers, pois utilizam o formato de um container, porém com a estrutura em steel-frame, vedação em placas de madeira e isolamento no teto em espuma de poliuretano, material eficiente para evitar condensação de água. Podem ser transportados por meio de guindaste e possuem uma abertura no teto para as possíveis escadas, porém os moradores podem optar por usá-las como janelas, caso os protótipos sejam montados no térreo. (ZAMPRONIO E SIQUEIRA, 2013)



Fonte⁷

Fonte⁸

3.1.3 ABRIGO EM TUBOS DE PAPEL - JAPÃO

⁷ <https://www.archdaily.com/127534/ex-container-project-yasutaka-yoshimura-architects>

⁸ <https://www.designboom.com/architecture/yasutaka-yoshimura-architects-ex-container/>

Este abrigo foi desenvolvido pelos arquitetos do escritório Shigeru Ban, com o intuito de receber temporariamente os desabrigados do terremoto de Kobe, no Japão, em 1995. Tubos de papel é o material utilizado para a construção que podem ser envernizadas para resistência a água, podendo também de acordo com a necessidade, ter uma pintura anti-fogo. O madeiramento do telhado é preenchido com resíduos de papel ou jornais para isolamento térmico e uma capa de plástico para isolamento da chuva. As fundações são executadas em engradados de bebidas reforçadas com sacos de areia e cobertas com folhas de PVC (IVERSON, 2007, apud Zampronio e Siqueira, 2013). O responsável por este projeto afirma que este abrigo tem como característica, uma estrutura rapidamente construída por qualquer pessoa e não precisa de ferramentas específicas. Um protótipo foi construído em dois dias por oito estudantes, com as partes já preparadas. Posteriormente a sua desmontagem, pode ser reciclado ou realocado. (ZAMPRONIO E SIQUEIRA, 2013)



Fonte⁹



⁹ <https://mundo-nipo.com/noticias-2/13/11/2017/shigeru-ban-se-torna-o-primeiro-japones-a-ganhar-o-premio-madre-teresa/attachment/abrigo-temporario-projetado-por-shigeru-ban-foto-brett-boardman-min/>

Fonte¹⁰

3.1.4 ABRIGO GLOBAL VILLAGE - CARIBE

Após a perda de residências em dois furacões ocorridos na ilha Grenada, em um país caribenho, foi desenvolvido este modelo para reconstituir estas casas. Com isso, um grupo colaborativo arrecadou fundos para a construção de setenta abrigos transicionais para residências temporárias e clínicas rurais (STANDAFER, 2007, apud Zampronio e Siqueira, 2013).

Os desenvolvedores deste protótipo, afirma que foi modelado em papelão ondulado reciclado laminado, impermeável, próprio para uma família de quatro pessoas e seu período de utilização é de até um ano. Esta estrutura pré-fabricada é transportada ao local dobrada. A montagem funciona apenas com o desdobramento da mesma. O abrigo pode ser construído por duas pessoas, em menos de uma hora, usando somente um manual de instruções e ferramentas comuns.



Fonte¹¹

10

https://www.google.com/search?q=abrigo+em+tubos+de+papel&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiCoKCS2fPiAhVHK7kGHeVcDNAQ_AUIECqB&biw=1366&bih=695#imgrc=CwjJYHwUnRUiaM:

11 <https://inhabitat.com/prefab-friday-global-village-shelters/>



Fonte¹²

4 CONCLUSÃO

A partir deste estudo, é possível obter algumas considerações após a análise dos resultados obtidos nas pesquisas realizadas para este artigo.

As habitações temporárias de caráter emergencial já são projetos considerados relevantes. Países que passam com frequência por catástrofes ambientais, tragédias e lugares que recebem alto fluxo de refugiados, tem essa tendência em procurar soluções para melhor suprir a necessidade em abrigar grupos de pessoas.

As possibilidades são variadas e há opções para adaptar em diferentes regiões e culturas. De acordo com cada situação, diversos caminhos podem ser considerados na hora de escolher qual o melhor projeto a se desenvolver para que a população atingida seja acolhida devidamente. Os materiais são, por vezes, fáceis de encontrar e com um custo reduzido. A montagem dos abrigos é rápida e em algumas ocasiões, são necessárias poucas pessoas para levantá-las.

Concluimos então, que toda população está sujeita a passar por perdas e traumas, e nossa função como arquitetos e cidadãos é amenizar o sofrimento nestes momentos, trazendo para estes grupos de pessoas um pouco de conforto e dignidade ao abrigá-los.

¹² <https://br.pinterest.com/pin/149111437641190601/>

5 REFERÊNCIAS

ANDERS, Gustavo. **Abrigos Temporários de Caráter Emergencial**. 2007. Dissertação (Área de Concentração: Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARBOSA, Lara Leite. **Design sem Fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - FAPESP, 2012.

GONÇALVES, Bruno Manuel de Brito Pereira. **Arquitetura de Emergência: o papel da arquitetura na resolução dos problemas pós-catástrofe**. 2015. 226 p. Dissertação – Escola Superior Gallaecia, Vila Nova de Cerveira, Portugal, 2015.

Rosenfield, Karissa. "Prêmio Pritzker 2014: TEDxTóquio: abrigos de emergência feitos de papel / Shigeru Ban" [**TEDxTokyo: Emergency Shelters Made from Paper / Shigeru Ban**] 25 Mar 2014. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) <https://www.archdaily.com.br/140370/premio-pritzker-2014-tedxtoquio-abrigos-de-emergencia-feitos-de-papel-slash-shigeru-ban> > ISSN 0719-8906

DAVIS, Ian. **Shelter After Disaster**. 2ª Edição. Geneva: International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies (IFRC), 2015.

IVERSON, Kari. Paper Loghouse. **Open Architecture Network**.

LIINA Transitional Shelter / Aalto University Wood Program. **ArchDaily**.

STANDAFER, Lynn. Global Village Shelters. **Open Architecture Network**.

MINNER, Kelly. Ex-Container Project / Yasutaka Yoshimura Architects. **ArchDaily**.

ZAMPRONIO, Isabela Elicker; SIQUEIRA, Marta Mitiko Kubota. **Proposta de Abrigo Temporário Emergencial para o Brasil a partir do Estudo de Modelos Existentes.** ENTECA. IX Encontro Tecnológico da Engenharia Civil e Arquitetura. 2013.

LEMES, Giovanna Loíse C; REZENDE, Alex Nogueira. **Habitações Emergenciais e Temporárias em Situações de Desastres Ambientais.** 4º Fórum Habitar. 2017.



HOSTEL – UMA PROPOSTA DE HOSPEDAGEM DE BAIXO CUSTO: ESTUDO DE CASO PARA CIDADES DE PEQUENO E MÉDIO PORTE

Michael Douglas Cavalheiro
Sílvia Letícia Vacelkoski¹
Luiz Gustavo Singeski
Débora Bulek Grobe²

RESUMO: O turismo é um dos principais geradores de economia de qualquer país, já o setor de hospedagens, corresponde há uma significativa parcela de seu faturamento. Hostels ou albergues da juventude, são um modelo de hospedagem interessante, devido às seu conceito e história, bem como as características arquitetônicas que promovem transformar o hostel em um local de troca de experiências. Assim, objetiva-se o presente estudo explorar suas características, bem como investigar o potencial de implementação de hospedagens com esse formato em cidades de pequeno e médio porte. Este artigo foi baseado em pesquisa bibliográfica, realizada por meio de busca científica e de sites especializados em hostels. E a realização de um estudo de caso, comparando exemplos de hostels pelo mundo, a fim de determinar quais características proporcionam um local de troca e de compartilhamento dentre seus usuários. Na visão do autor, o hostel é viável em qualquer cidade, porém, sua concepção deve levar em conta o cenário da cidade em que ele será implantado, quais são os pontos fortes da cidade, como a gastronomia, cultura local, turismo sustentável, festas típicas, enfim, avaliar diversos fatores e definir o que o hostel oferecerá de serviços, para que ele possa-se destacar entre os modelos de hospedagens já existentes.

Palavras-chave: albergues da juventude; hostel; turismo; meios de hospedagens.

ABSTRACT: Tourism is one of the main generators of economy of any country, since the lodging sector, corresponds there is a significant portion of its billing. Hostels or youth hostels are an interesting lodging model, due to its concept and history, as well as the architectural features that promote transforming the hostel into a place to exchange experiences. Thus, the objective of this study is to explore its characteristics, as well as to investigate the potential of implementing such format hosts in small and medium-sized cities. This article was based on bibliographic research, carried out through scientific research and specialized hostel websites. And the realization of a case study, comparing examples of hostels around the world, in order to determine which characteristics provide a place of exchange and sharing among its users. In the author's view, the hostel is feasible in any city, however, its conception must take into account the scenery of the city in which it will be deployed, what are the city's strengths, such as gastronomy, local culture, sustainable tourism, festivals typical, finally, evaluate several factors and define what the hostel will offer services, so that it can stand out among the models of existing hostels.

1 INTRODUÇÃO

Albergues da juventude ou hostels, como são conhecidos mundialmente, vem ganhando notoriedade da população mundial, principalmente nos últimos 40 anos, porém seu termo e concepção é bem mais antiga. O conceito hostel surgiu na Alemanha no final da primeira década do século XX, como uma opção de hospedagem econômica para jovens viajantes.

¹ Mestre em Engenharia de Construção Civil. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Professora no Centro Universitário Vale do Iguaçu (Uniguaçu)

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2017). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo. É mestranda em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Atualmente os hostels propõem acomodações com preços convidativos, normalmente os hóspedes compartilham os dormitórios, banheiros e áreas comuns como por exemplo a cozinha e sala de estar. Um dos pontos que mais atraem o público jovem é os ambientes descontraídos e informais, que proporcionam interação e troca de experiências entre os hóspedes.

Em 2017, de acordo com uma publicação do site ESTADÃO (2017), o site de reservas HostelWorld obteve um crescimento de 533% no número de hostels registrados no site nos últimos 5 anos, sendo que 51% das reservas feitas na página eram brasileiras. O site aponta que a indústria dos hostels tem a projeção do mercado com um crescimento de 7% e 8% nos anos posteriores à publicação, no caso 2018 e 2019.

Giaretta (2003), descreve a criação dos albergues da juventude como um meio de hospedagem para atender os jovens, com o intuito de desenvolver uma rede mundial de hospedagem, que cobrasse tarifas econômicas, possibilitando a participação em viagens para o maior número possível de jovens.

Já a EMBRATUR (1987, p.27) definiu albergues da juventude como “meio de hospedagem peculiar de turismo social, integrado ao movimento alberguista nacional e internacional, que objetiva proporcionar acomodações comunitárias de curta duração e baixo custo com garantia de padrões mínimos de higiene, conforto e segurança”.

Uma vez que é percebido o expressivo crescimento de hospedagens que trazem o modelo de hostels ou albergues da juventude, é interessante que o conceito, história e desenvolvimento deste tipo de hospedagem sejam mais bem compreendidos, bem como as características arquitetônicas que pretendem transformar o hostel em um local de troca de experiências e compartilhamento. Assim, o objetivo central desta pesquisa é o de explorar as características de um hostel, bem como investigar o potencial de implementação de hospedagens com esse formato em cidades de pequeno e médio porte.

2 MÉTODO DE PESQUISA

Esse estudo foi desenvolvido usando dois métodos de pesquisa. Num primeiro momento a pesquisa bibliográfica, a qual é desenvolvida através de materiais já elaborados como artigos científicos, monografias, livros e sites

confiáveis, a fim de que possamos conhecer diferentes contribuições científicas sobre o determinado tema. A pesquisa foi realizada por meio de busca científica e de sites especializados em hostel, utilizando as seguintes palavras de busca “albergues da juventude”, “hostel”, “turismo”, “meios de hospedagem”.

Em um segundo momento, foi realizado um estudo de caso, comparando exemplos de hostels pelo mundo, a fim de determinar quais são as características que fazem com que os hostels proporcionem um local de troca e de compartilhamento dentre seus usuários, bem como: a relação entre números de “camas”, porte da cidade e potencial de incremento do turismo local e regional, para que assim analisarmos a viabilidade da aplicação do “conceito hostel” em cidades de pequeno e médio porte.

O critério de escolha destes hostels foi, a qualidade da infraestrutura do edifício, o design arquitetônico proposto pelo hostel, e a cidade em que está inserido.

3 HOSTEL EM SEU DESENVOLVIMENTO MUNDIAL

Segundo a reportagem “albergue da juventude completa 100 anos” do site DW (2009), em 1909 o professor alemão Richard Schirrmann durante uma excursão com seus alunos, viu-se em meio a uma tempestade com seu grupo de alunos, e o único abrigo encontrado por ele foi uma escola no Vale de Bröl, na noite da tempestade seus alunos usaram as salas de aula da escola para dormir. Um ano depois o Schirrmann escreveu um trabalho com o tema “albergues para estudantes de escolas públicas”, e começou a difundir a proposta do albergue da juventude em escolas.

Segundo o site da Associação Paulista de Albergues da Juventude (2019), em 1912 a ideia do professor alemão contribuiu para o surgimento do primeiro hostel de fato (com um padrão parecido com o que conhecemos hoje) chamado de *Burg Altena*, que funciona até hoje em um antigo castelo na cidade de Altena, na Alemanha.

Shiki (2016) descreve que com uma grande aceitação da população, em 1913 a Alemanha já contava com 301 hostels e em 1914 este número se expande para 535 unidades. Porém, nos próximos anos o crescimento fica estagnado devido a primeira guerra mundial.

O autor cita ainda que no ano de 1919, posterior ao fim da guerra e com a Europa arrasada com a inflação altíssima, Richard Schirrmann com o desejo de retomar a ideia do movimento dos hostels e propor novamente seu crescimento, fundou *Youth Hostel Association*, a qual tinha como objetivo determinar uma melhor oferta de qualidade nos serviços prestados nos hostels.

A partir de 1927 a cultura de hostels começou a se difundir pela Europa. Dados da Associação Paulista de Albergues da Juventude (2019) mostram que, até 1931, países como Suíça, Polônia, Holanda, Inglaterra, Noruega, França, Irlanda, Bélgica e Escócia, já tinham registro desse novo modelo de hospedagem.

Com a grande expansão pela Europa, em outubro de 1932, na cidade de Amsterdã, foram reunidos diversos representantes de países europeus para a fundação da *International Youth Hostel Federation*, da qual, a partir de 1933, Richard Schirrmann tornou-se o presidente, porém sua passagem a frente do cargo foi por um período pequeno de tempo, porque em 1936 o governo neonazista o obrigou a renunciar o cargo e o proibiu de entrar em qualquer hostel pois acreditavam que esses locais poderiam ser usados para aglomeração de jovens contra a ideologia deste governo, além de confiscar o seu passaporte para que ele não pudesse sair da Alemanha, é desse modo que a Associação Internacional de Albergues da Juventude retrata esse período.

Segundo o site da Associação Internacional de Albergues da Juventude (2019), na década de cinquenta, após o fim da Segunda Guerra Mundial, o movimento dos albergues da juventude atinge um novo patamar em seu desenvolvimento, que é a sua expansão para novos continentes como Ásia, África e América do Sul. Com o seu desenvolvimento a nível mundial, em 1952 é implementado um padrão de qualidade e serviço que deveria ser ofertado pelos hostels que faziam parte da Associação. A partir da década de oitenta, muitas ações foram tomadas pela Associação no âmbito do meio ambiente, tais como uma Carta Ambiental que apresentava diretrizes ambientais, incluindo materiais não poluentes em Albergues da Juventude. Em 1997 a rede registrou-se o atingimento de 1 bilhão de pernites.

Em 2006, A *International Youth Hostel Federation* passa a operar como *Hostelling International* (HI), e desde sua transformação a marca dos Albergues da Juventude só ganhou mais notoriedade mundial, com isso recebeu diversos

prêmios e reconhecimento a nível mundial, entre eles da Organização Mundial de Turismo da ONU (UNWTO) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Hostelling International (HI) é a organização de caridade criada em 1932 para coordenar Associações de Albergues da Juventude em todo o mundo. HI era conhecida como a "Federação Internacional de Albergues da Juventude" (IYHF) e é a federação de mais de 70 Associações Nacionais de Albergues da Juventude em mais de 80 países, que têm cerca de 3.500 Albergues da Juventude afiliados em todo o mundo. O objetivo é promover a educação de jovens de todas as nacionalidades, credos e origens, incentivando a sua interação social através da oferta de alojamento para eles em albergues da juventude. Questões prioritárias: Juventude; turismo; Educação; cultura. (UNESCO, 2019)

3.1 SURGIMENTO DO HOSTEL NO BRASIL

Segundo Associação Paulista de Albergues da Juventude (2019), o conceito de albergues da juventude chegou ao Brasil através do casal de educadores Joaquim e Lone Trotta, que após conhecerem um albergue em uma viagem a França em 1956, trouxeram a ideia ao Rio de Janeiro. Em 1965 surge o primeiro hostel no Brasil, mais especificamente no bairro Ramos na cidade do Rio de Janeiro, com o nome de Residência Ramos, seu funcionamento permaneceu até 1973. Em 1971, foi fundada a Federação Brasileira de Albergues da Juventude com sede na cidade do Rio de Janeiro.

A Federação Brasileira de Albergues da Juventude, atualmente tem cerca de 90 hostels credenciados no seu site. Vale ressaltar que existem hostels independentes, aqueles que não têm vínculos com associações ou redes alberguistas como a *Hostelling International* e a Federação Brasileira, e normalmente são operados por funcionários ou voluntários sob o comando dos proprietários. O site HostelWorld, tem cadastrado 588 hostels, em 109 cidades do Brasil.

3.2 PÚBLICO E SUA DEMANDA

O público alvo dos hostels no seu surgimento no início do século XX, era definido pela *International Youth Hostel Federation* em sua missão como:

Fomentar a educação de todos os jovens de todas as nações, especialmente os de recursos limitados, estimulando neles um maior conhecimento, afeto e cuidado com a natureza, assim como um conhecimento dos valores culturais das cidades, tanto grandes como pequenas, de todas partes do mundo, e, como meio para alcançá-lo, oferecer albergues ou outra classe de alojamento nos quais não existam distinções de raça, nacionalidade, cor, religião, sexo, classe social nem opiniões políticas, para que possam chegar assim a compreender melhor os seus semelhantes, tanto em seu próprio país, como no estrangeiro.(APAJ, 2019)

Pode-se dizer que, naquela época, o público alvo dos hostels era um tanto limitado, pois seu público era embasado no conceito de promover a troca de experiências e cultura entre jovens. Porém, com o *boom* da internet no final do século XX, o acesso a informações atinge uma maior parte da população, fazendo com que pessoas de todas as idades tenham vontade de conhecer novas culturas de maneiras não convencionais.

A chegada da internet e as novas tecnologias influenciaram no processo turístico, de modo que as pessoas passassem a se sentir mais seguras para viajarem sozinhas ou em menores grupos, e isso se explica pela quantidade de informação que se tem acesso, por exemplo sobre a cidade ou país que se deseja conhecer, a oferta de hospedagem, quais são suas avaliações positivas e negativas.

A troca de informações entre usuários na internet gera uma maior concorrência entre o preço e a qualidade ofertada pelos tipos de hospedagens. Cada vez mais a população brasileira está interessada por acomodações com boa localização, infraestrutura de qualidade, serviço diferenciado e preço baixo.

É nesse cenário que o público dos hostels começa a se modificar, diferentemente do público que a *International Youth Hostel Federation* definiu no início do século passado, atualmente os hostels atraem involuntariamente pessoas de todas as idades, de classes e formações, e isto está diretamente ligado com o que o modelo de hospedagem dos hostels representam. Um modelo que está conquistando cada vez adeptos devido ao seu baixo custo e alta qualidade, com um ambiente extrovertido, em que a troca de experiência e cultura fala mais alto, porém sem deixar de lado o conforto e a individualidade.

Nascimento e Takiyama (2011), constatam tal evolução no público em uma pesquisa realizada com usuários de um hostel da cidade de São Paulo - SP, e um da cidade de Arraial do Cabo - RJ. No resultado da pesquisa, comprova-se que a maioria dos entrevistados possui renda para utilizar outros tipos de

hospedagens, ou seja, o preço baixo é importante, mas não é o único motivo que leva o indivíduo a se hospedar em um hostel. Nesta escolha, preza-se, a troca de experiências culturais, através do convívio com pessoas de diversas nacionalidades, e pela socialização que os hostels proporcionam.

O site ESTADÃO no ano de 2017, publicou em uma reportagem que aponta o intenso desenvolvimento de hostels no Brasil nos últimos anos, decorre da busca de hospedagem com preço mais baixos/acessíveis (44%), localizações convenientes (44%), custo benefício (43%) e a oportunidade de conhecer outros viajantes (31%).

4 ESTUDOS DE CASO

Como visto, os hostels são atrativos por seu baixo custo, o ambiente informal, a interação e a troca de experiências, além destes fatores, podemos destacar também a valorização do design dos espaços, ponto esse que vem acompanhando a tendência mundial. Na maioria dos hostels ofertados atualmente, o consumidor encontra ambientes bem pensados, decorados e projetados, e essa modernização dos espaços vem para desconstruir a visão que as pessoas tinham dos albergues de antigamente, que eram ambientes pequenos, desorganizados e destinados apenas a estudantes e viajantes.

Neste estudo de caso a seguir, constataremos todos os fatores descritos acima em hostels instalados em cidades de pequeno e médio porte como: Foz do Iguaçu - PR e Veneza - Itália.

4.1 CONCEPT DESIGN HOSTEL & SUITES

Nome: Concept Design Hostel & Suites

Localização: R. Vereador Moacir Pereira, 337 - Foz do Iguaçu - PR / Brasil

População da cidade: 253.962 no ano de 2010.

Quantidade de quartos/leitos: 11 quartos / 47 leitos.

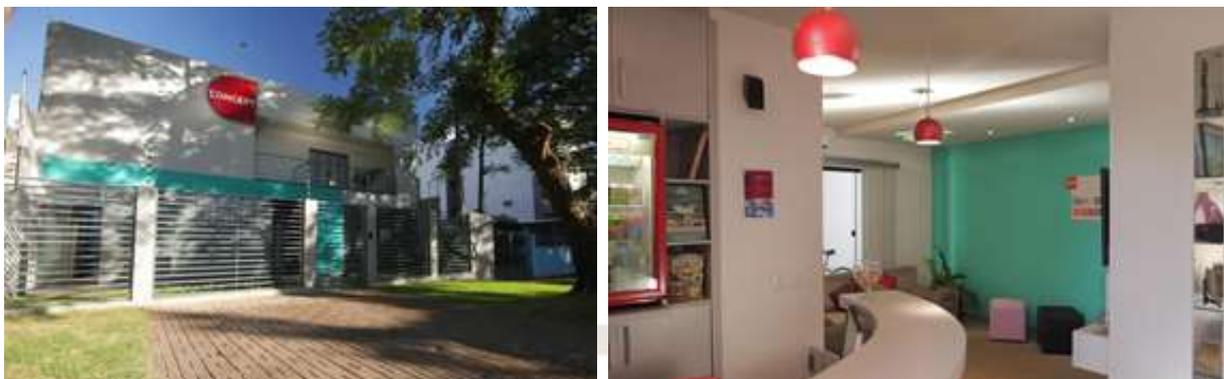
Preço: faixa de R\$ 59,00 - R\$ 355,00.

O Concept Design Hostel & Suites, inaugurado no ano de 2013, é um dos hostels mais premiados do Brasil, devido ao seu conceito de “limpo, moderno, colorido e minimalista. Confortável, espaçoso e eco-sustentável”. No ano de

2018, recebeu o Selo de Ouro de Qualidade no Turismo do Paraná, concedido pelo Sebrae juntamente com o TECPAR.

Figura 1 e 2 - entrada principal e recepção Concept Design Hostel & Suites.

Fonte: www.booking.com Acesso feito em Abril de 2019.



O conceito das cores, além de tornar o ambiente mais jovial e moderno, pode contribuir, para a harmonização e equilíbrio de cada ambiente e seu uso, como a cromoterapia específica.

A sustentabilidade foi aplicada no edifício, através de diversos equipamentos eco-sustentáveis, como a utilização de fontes alternativas de energia, neste caso o aquecimento solar, captação de água das chuvas para abastecimento de vasos sanitários, utilização de madeira de reflorestamento, ar condicionados inverter, além da gestão de resíduos.

Serviços ofertados pelo hostel: *auto-check-in online*, senha individual para acesso ao hostel, cozinha compartilhada com todos os utensílios, além de fogão, freezer, forno, cafeteira e microondas, Wi-fi gratuito em todo o hostel, sala de TV compartilhada, computador de mesa para uso comum, área de lazer com piscina.



Figura 3 e 4 - sala de espera/estar e cozinha do Concept Design Hostel & Suites.

Fonte: www.booking.com Acesso feito em Abril de 2019.

O hostel conta com quartos individuais, duplos ou triplos, para hóspedes que desejam a experiência que os hostels oferecem, porém com um pouco mais de privacidade. Esses quartos são equipados com: ar condicionado, cama queen size e cama de solteiro, estendel e suporte para malas, tomadas e luminária sobre a cabeceira da cama para leitura, mesa de trabalho e banheiro dentro do quarto, para uso exclusivo dos ocupantes.



Figura 5 e 6 - dormitório compartilhado e suíte do Concept Design Hostel & Suites.
Fonte: www.booking.com Acesso feito em Abril de 2019.

São disponibilizados também quartos compartilhados, com 6 ou 8 camas, característica essencial de um hostel, e eles são equipados com: ar condicionado, beliches com camas de casal e solteiro, armários individuais com chave para cada ocupante, tomada e luminária individual em cada beliche e banheiro dentro do quarto, para uso exclusivo dos ocupantes.

Os hóspedes têm à sua disposição uma ampla área de lazer, com piscina, espreguiçadeiras, área para festa e bar. A administração do hostel, promove pequenos eventos para seus hóspedes em sua área de lazer, entre eles estão, degustações gastronômicas, shows de jazz e blues, além de transmissões de jogos, séries e filmes em um telão.



Figura 7 e 8 - refeitório e área de lazer externa/bar do Concept Design Hostel & Suites.

Fonte: www.booking.com Acesso feito em Abril de 2019.

4.1.1 Foz do Iguaçu

Concept Design Hostel & Suites, está localizado na cidade de Foz do Iguaçu - PR, a qual desde o ano de 2004, segundo dados da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (2018) , está entre as três cidades mais visitadas do país, no segmento turismo de lazer, e em 2017, ficou na 3º colocação, com cerca de 12,5%, neste segmento.

O bairro Vila Yolanda, onde o hostel reside, é um dos bairros mais antigos de Foz do Iguaçu, conhecido por suas belas ruas arborizadas. Essencialmente o bairro é tido como residencial, porém nos últimos anos vem se registrando um crescimento na área comercial, e isto se deve muito a sua localização geográfica, que fica entre o centro e o corredor turístico que conduz o acesso aos principais atrativos da cidade.

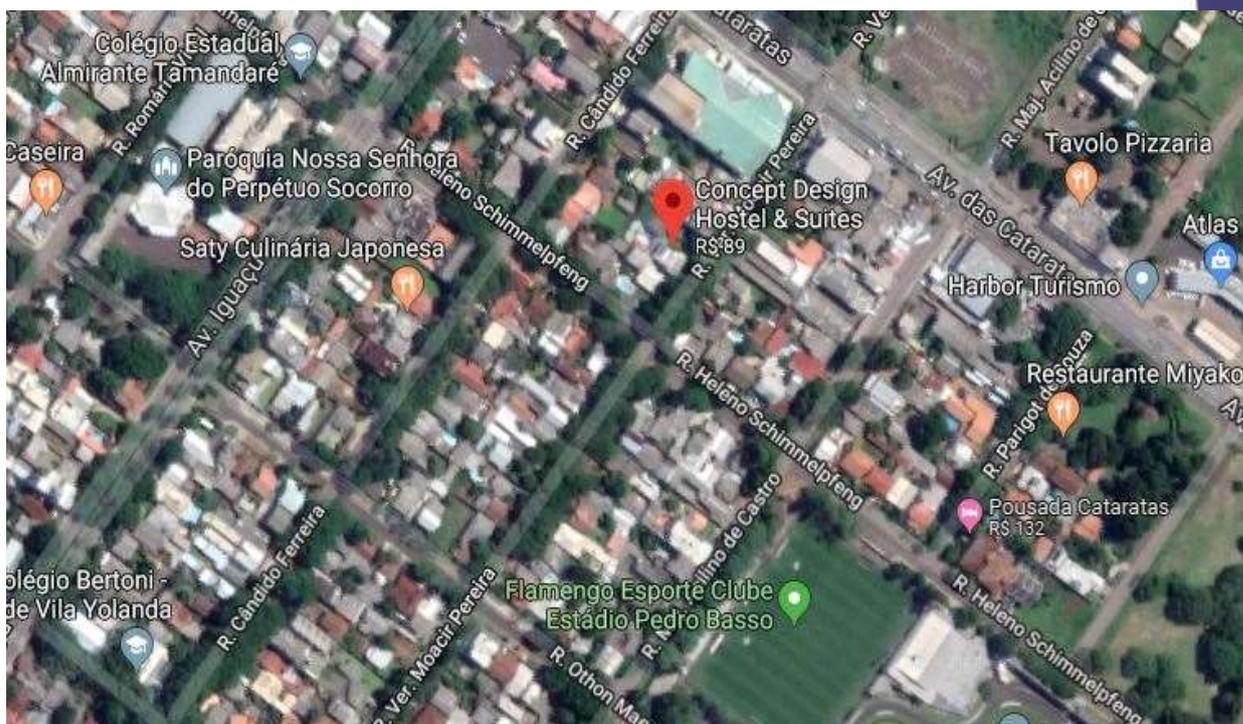


Figura 9 - mapa da localização do Concept Design Hostel & Suites.
Fonte: www.google.com.br/maps Acesso feito em Junho de 2019.

Segundo o site HOSTELWORLD (2019), um dos maiores e mais confiável do ramo de reservas, especializado em hostels, Foz do Iguaçu conta com 25 hostels cadastrados, e isto demonstra a ascensão do cenário atual de hostels. Dados de uma pesquisa de ocupação hoteleira, realizada pelo Sindicato de Hotéis de Foz do Iguaçu (SINDHOTÉIS, 2019), aponta o desempenho de pousadas e albergues, dos recentes meses de janeiro, fevereiro e março de 2019, com uma média mensal de ocupação de 55,6%, evidenciando uma demanda expressiva de mercado.

DESEMPENHO MENSAL: POR CATEGORIA - 2019

COMPARATIVO MENSAL (%)	JAN	FEV	MAR	MÉDIA
5 Estrelas - Luxo	66,4	58,0	60,6	61,7
4 Estrelas - Superior	84,5	69,1	69,3	74,3
3 Estrelas - Turístico	74,8	61,4	58,6	64,9
2 Estrelas - Econômico	66,3	54,9	54,9	58,7
Pousadas e Albergues	63,8	50,0	53,0	55,6

Figura 10 - Tabela de análise de Ocupação Hoteleira.
Fonte: SINDHOTÉIS

4.2 ANDA VENICE HOSTEL

Nome: Anda Venice Hostel

Localização: Via Ortigara, 10 - Veneza / Itália

População da cidade: 261.905 no ano de 2017.

Quantidade de quartos/leitos: 14 quartos / 68 leitos.

Preço: faixa de R\$ 94,00 - R\$ 450,00.

Fundado em 2017, o Anda Venice Hostel surge com uma proposta de estilo industrial, com uma infinidade de cores e um toque vintage em seus espaços interativos, o que resulta em uma aceitação muito grande por parte de seu público. No início de 2019, recebe o prêmio de “Melhor Novo Hostel Extra Grande”, concedido pelo site HOSTELWORLD, prêmio esse que é atribuído, através das avaliações que o hostel recebeu durante o ano de 2018, na plataforma do site.



Figura 11 e 12 - entrada principal e recepção do Anda Venice Hostel.
Fonte: www.brazilian.hostelworld.com Acesso feito em Maio de 2019.

A modernidade proposta pelo hostel, pode ser verificada desde o conceito arquitetônico, nos materiais utilizados na edificação, e no mobiliário de todos os espaços. Os serviços prestados aos hóspedes, seguem o mesmo contexto, sendo que foram concebidos seguindo tendências contemporâneas, mostrando a preocupação em oferecer algo condizente ao que o público jovem busca, como modernidade e tecnologia.



Figura 13 e 14 - sala de espera/estar e sala de espera/estar e cozinha do Anda Venice Hostel.
Fonte:www.brazilian.hostelworld.com Acesso feito em Maio de 2019.

Serviços ofertados: cozinha “*CoCooking internacional*”, propondo a troca de experiências com outros hóspedes, e assim, aprender novas receitas internacionais, a cozinha é equipada com fogão, freezer, forno, cafeteira, microondas e todos os utensílios. Recepção 24 horas, caixa eletrônico no edifício, lavanderia *self-service* 24 horas, serviço de almoço no formato *buffet* (opcional), máquina de venda automática de lanches e bebidas, sala de estar com TV compartilhada, Wi-fi em todas as áreas, computador de mesa para uso comum, área de lazer externa e o hostel aceita animais de estimação.



Figura 15 e 16 - dormitório compartilhado e área de convivência do Anda Venice Hostel.
Fonte:www.brazilian.hostelworld.com Acesso feito em Maio de 2019.

No Anda Venice Hostel, são disponibilizados quartos compartilhados, sendo misto ou feminino, com 6, 8 ou 9 camas, e quartos individuais, duplos ou triplos. Os quartos são equipados com: tomadas e luminárias individuais em cada cama, armário e gaveta para cada usuário, banheiro em cada quarto para uso exclusivo dos ocupantes. Todos os quartos contam com ar condicionado, aquecimento e isolamento acústico.



Figura 17 e 18 - refeitório e área de lazer externa do Anda Venice Hostel.
Fonte: www.brazilian.hostelworld.com Acesso feito em Maio de 2019.

Oferecer o necessário para que a interação entre os hóspedes seja inesquecível é um lema no Hostel Anda Venice, e para isto, o hostel conta com terraço coberto, área de lazer externa e interna com jogos (tênis de mesa, pebolim e jogos de tabuleiros), um bar dentro do edifício, refeitório com área para transmissão de jogos, filmes e séries.

4.2.1 Veneza

O Hostel Anda Venice, está localizado na *Comuna*³ de Veneza - Itália. Veneza atualmente tem cerca de 270 mil habitantes, dentre eles 60 mil residem no centro histórico localizado na famosa ilha de Veneza.



Figura 19 - mapa da localização do Anda Venice Hostel.

Fonte: www.google.com.br/maps Acesso feito em Junho de 2019.

³ Unidade básica de organização territorial, equivalente ao município no Brasil.

Mestre é uma localidade⁴ da cidade de Veneza, onde o hostel reside. Sua localização geográfica, contribui diretamente para o turismo local, pois está a 9 km do centro histórico da cidade, principal ponto turístico.

Veneza é uma das principais cidades turísticas do mundo, ficando na posição 41 no ranking das 100 cidades mais visitadas do globo, segundo o site EXAME (2017). Os dados referentes ao turismo da cidade italiana são impressionantes, o site EURONEWS (2016) apresenta que cerca de 74 mil turistas visitam a cidade diariamente, sendo esse, um número exorbitante, tendo em vista o tamanho territorial da cidade e a quantidade de habitantes.

Há muitos anos que o turismo é um dos principais geradores da economia de Veneza. De acordo com uma publicação do site RFI (2017), os turistas são responsáveis por entradas de cerca de 1,5 bilhões de euros por ano, na economia dos venezianos. O site RFI (2017), ainda apresenta que desde 1999, o número de hotéis e hospedarias cresceu 294%, e atualmente são mais de 47 mil leitos somente na ilha do centro histórico. No quesito Hostel, o site HOSTELWORLD (2019), conta com 109 hostel cadastrados em sua plataforma.

5 DISCUSSÃO

O dois hostels escolhidos para o estudo de caso, estão inseridos em cidades fortemente turísticas, onde o “conceito hostel” já é uma realidade, tendo um público significativo. Além do contexto das cidades, os hostels tem um ponto significativo em comum, os dois oferecem modelos de quartos iguais, ambos oferecem quartos compartilhados, porém também há suítes privativas, o que mostra que os hóspedes se interessam pelas experiências que os hostel podem oferecer, mas que parte de seus usuários sente a necessidade de mais privacidade, principalmente para casais e famílias, em suas acomodações.

Outro ponto em comum, é a oferta de serviços dentro do hostel que sejam um diferencial para o consumidor, principalmente na hora da escolha do hostel e posteriormente na avaliação sobre sua estadia, o que representa a reputação do estabelecimento nos principais sites de reserva. No gráfico abaixo, foram

⁴ Divisão administrativa, equivalente ao distrito de municípios no Brasil.

utilizados dados das avaliações dos hóspedes referentes aos hostels utilizados no estudo de caso. Os dados foram retirados do site HOSTELWORLD (2019).

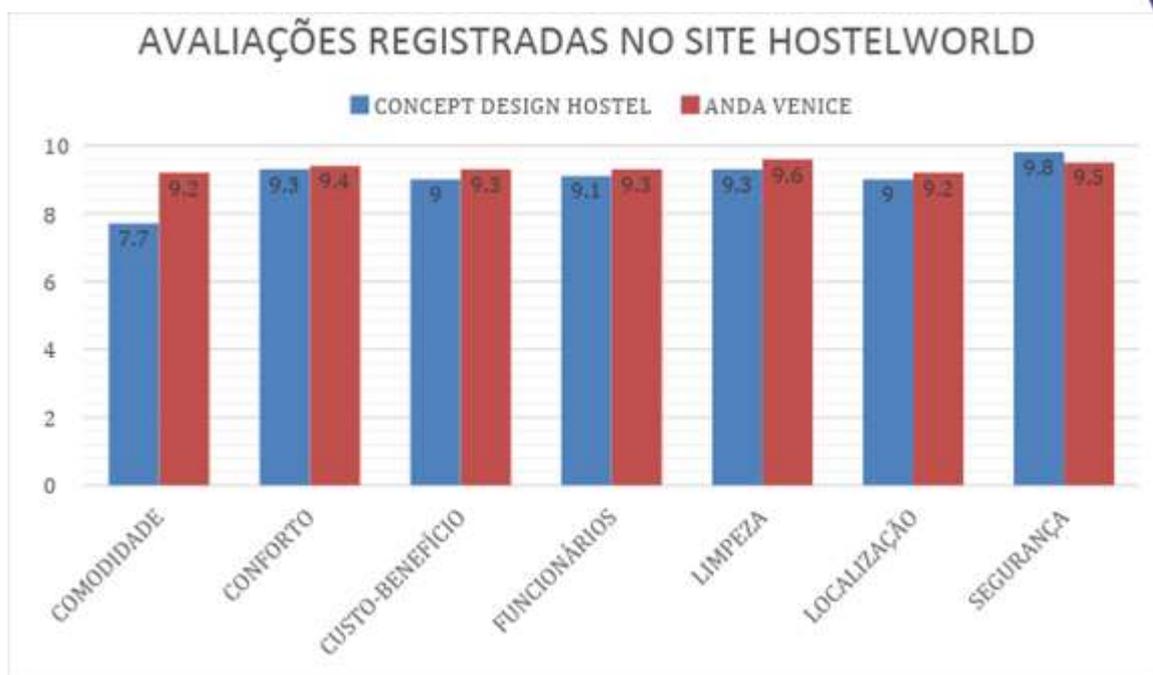


Gráfico 1: avaliações registradas no site HostelWorld.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Constatamos que a diferença nas avaliações dos hostels, é mínima na maioria dos quesitos, o que representa um cenário interessante, principalmente no nível de satisfação sobre a qualidade das acomodações, parâmetros como: conforto, custo-benefício, funcionários e limpeza, são os principais comparativos para compreender qual foi o contentamento dos hóspedes. Os números mostram um nível de satisfação excelente por parte dos usuários dos dois hostels, apresentando uma média acima de 9 pontos em todos os quesitos avaliados.

O hostel Anda Venice, ficou com avaliações superiores ao Concept Design Hostel, em 6 dos 7 quesitos, tendo um resultado inferior ao Concept Design Hostel, somente no quesito segurança com 9,5 pontos, o que não é um resultado ruim.

O resultado mais destoante entre os hostels, foi no quesito comodidade, onde o hostel Anda Venice obteve 9,2 pontos e o Concept Design Hostel 7,7 pontos. Deve-se pontuar que o público de ambos os hostels, são muito parecidos, pois ambos recebem um grande fluxo de turistas do mundo todos, devido as cidades em que estão inseridos. O que explica tal diferença nas avaliações, alguns dos serviços que o Anda Venice oferece, e que turistas

estrangeiros estão acostumados, não se encontra no Concept Design, como o serviço de caixa eletrônico dentro do hostel, máquina de venda automática de lanches e bebidas, e lavanderia 24 horas no modelo *self-service*.

Em relação às propostas arquitetônicas dos hostels, podemos observar duas propostas com o mesmo intuito, porém com resultados finais distintos. Ambos propõem ambientes modernos, atrativos à um público mais jovem e descontraído. O resultado final do Anda Venice Hostel é mais atraente, devido aos materiais, mobiliário, cores e design utilizados em todo o hostel.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica, realizada na primeira etapa deste artigo foi importante para desvendar como foi o surgimento dos hostels no mundo e no cenário brasileiro, e desempenhou o papel de demonstrar o conceito que havia por trás deste modelo de hospedagem.

Conclui-se, pelo levantamento de dados de fontes confiáveis, que a proposta de serviços que os hostels oferecem, estão obtendo cada vez mais público, nos últimos anos e ganhando evidência no cenário turístico brasileiro, com números impressionantes. Isto se deve ao que o hostel proporciona aos seus hóspedes, como a oportunidade de conhecer outros viajantes, a troca de experiências culturais, e o ambiente mais amistoso do hostel, diferentemente dos hotéis.

O estudo de caso, nos mostra que os hostels já são uma forte realidade em cidades turísticas, com acomodações e serviços de qualidade, com preços atrativos e acessíveis. Mas isto não deve ser levado como regra. Na visão do autor, o hostel é viável em qualquer cidade, porém, sua concepção deve levar em conta o cenário da cidade em que ele será implantado, quais são os pontos fortes da cidade, como a gastronomia, cultura local, turismo sustentável, festas típicas, enfim, avaliar diversos fatores e definir o que o hostel oferecerá de serviços, para que ele possa-se destacar entre os modelos de hospedagens já existentes.

REFERÊNCIAS

GIARETTA, Maria José. **Turismo da Juventude**. São Paulo: Manole, 2003.

EMBRATUR. **Projeto de Albergues da Juventude**. Rio de Janeiro, 1987.

SHIKI, Larissa. **Projeto de Arquitetura - Hostel**. São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, R., TAKIYAMA, D. **Os Albergues da Juventude como Equipamentos Destinados ao Turismo Social no Brasil**. Balneário Camboriú, 2011.

ESTADÃO, 2017. **Segundo estudo, setor de hostels tem forte crescimento no Brasil**.

Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/releases-ae,segundo-estudo-setor-de-hostels-tem-forte-crescimento-no-brasil,70001699136>. Acesso em Março de 2019.

DW, 2009. **albergue da juventude completa 100 anos**.

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/albergue-da-juventude-completa-100-anos/a-45997>
27. Acesso em Abril de 2019.

APAJ. **Associação Paulista de Albergues da Juventude**.

Disponível em: http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%C3%A7a. Acesso em Abril de 2019.

IYHF. **International Youth Hostel Federation**.

Disponível em: <https://www.hihostels.com/pt>. Acesso em Abril de 2019.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**.

Disponível em: <https://en.unesco.org/partnerships/non-governmental-organizations/hostelling-international-international-youth-hostel>. Acesso em Abril de 2019.

SEBRAE, 2018. **21 empresas de Foz do Iguaçu recebem Selo Qualidade no Turismo do Paraná**.

Disponível em: <http://www.pr.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PR/21-empresas-de-foz-do-ig>

uacu-recebem-selo-qualidade-no-turismo-do-parana,78163a59cad33610VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em Maio de 2019.

CDH&S. Concept Design Hostel e Suítes.

Disponível em: <http://conceptdesignhostel.com/About>. Acesso em Maio de 2019.

BOOKING. Site de Reserva de Hospedagens online.

Disponível em: <https://www.booking.com>. Acesso em Maio de 2019.

SMTFI, 2018. Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu.

Disponível em: <http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=105095>. Acesso em Maio de 2019.

HOSTELWORLD. Site especializado em reservas online de hostels.

Disponível em: <https://www.hostelworld.com/>. Acesso em Junho de 2019.

SINDHOTÉIS, 2019. Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu.

Disponível em: <http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=107563>. Acesso em Junho de 2019.

EXAME, 2017. As 100 cidades mais visitadas do mundo em 2017.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/as-100-cidades-mais-visitadas-do-mundo-em-2017/>. Acesso em Junho de 2019.

EURONEWS, 2016. Veneza: 50.000 habitantes, 74.000 turistas diários.

Disponível em: <https://pt.euronews.com/2016/09/13/veneza-50000-habitantes-74000-turistas-diaros>. Acesso em Junho de 2019.

RFI, 2017. População de Veneza tenta se proteger da invasão de turistas.

Disponível em: <http://br.rfi.fr/europa/20170623-linha-direta-como-populacao-de-veneza-se-protege-da-invasao-de-turistas>. Acesso em Junho de 2019.

IMPACTOS AMBIENTAIS E URBANÍSTICOS CAUSADOS POR CEMITÉRIOS

Crisley Daubermann
Karime Massignan G. Vieira
Gilda Maria Botão Ayres Pereira¹
Larissa Jagnez²
Débora Bulek Grobe³

RESUMO: O artigo trata de um tema que envolve toda a sociedade, contudo não é frequentemente debatido. Influenciado pela religião e a cultura, as questões postas em discussão são comumente ignoradas, seja ela por entidades competentes ou pelos representantes governamentais. Entretanto não se deve deixar a situação se agravar mais, por isso faz-se necessário este estudo. Sua metodologia formulou-se em pesquisas bibliográficas, documentais e exploratória. Visto que as cidades se modificam e crescem diariamente de forma a se adequar às normas estabelecidas pelos órgãos governamentais e pelos seus habitantes, os quais interferem nas mais diversas maneiras de organização do espaço vivido, portanto é partir dessas interferências que inicia-se uma série de problemas que necessita de providências imediatas a serem adotadas, no âmbito ambiental, social e cultural. Um método que pode ser utilizado como referência em tecnologia e sustentabilidade é a implantação de um forno crematório, o projeto de cremação fornecerá novas opções além do sepultamento, pois a construção de novos cemitérios é inviável, além de ser um dos meios mais poluidores. O crematório por sua vez economizar em espaço físico, além de não trazer nenhum dano à sociedade, seja em questões ambientais preservando o solo, como culturais.

PALAVRAS-CHAVE: CEMITÉRIOS, IMPACTOS URBANÍSTICOS, CREMATORIOS

ABSTRACT: The article treat about a theme that involves the whole of community, however it is not often debated. Influenced by religion and culture, the subjects being discussed are commonly ignored, whether by competent entities or government representatives. However, one should not let the situation get worse, so this study is necessary. The methodology was formulated in bibliographical, documentary and exploratory research. How cities change and grow daily in order to conform to the norms established by governmental agencies and their population, that interfere in the most diverse ways of organizing the lived space, it is from these interferences that a series of problems that require immediate measures to be taken in the environmental, social and cultural spheres. One method that can be used as a benchmark in technology and sustainability is the implantation of a crematorium, the cremation project will provide new options beyond burial, since the construction of new cemeteries is impracticable, besides being one of the most polluting means. The crematorium in turn save on physical space, in addition to bringing no harm to society, whether in environmental issues preserving the soil, or cultural.

KEYWORDS: CEMETERIES, URBANISTIC IMPACTS, CREMATORIES

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP. Possui graduação em Educação Artística pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1989) e graduação em arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993). Atualmente é professor - Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu, voluntário do Conselho de Urbanismo de União da Vitória, professor do magistério superior do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória. Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Planejamento Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura sustentável, edificação de arquitetura, desenvolvimento territorial, cidades sustentáveis e indígena.

² Mestrado em andamento em Engenharia de Construção Civil, Área: Estruturas, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR - 2017). Especialista em Engenharia de Segurança Contra Incêndio e Pânico pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR - 2016). Possui graduação em Engenharia Civil pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória (2013).

³ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2017). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo. É mestranda em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

O desenvolvimento humano, nas suas mais diversas áreas, vem ocasionando o esgotamento dos recursos naturais sem demonstrar preocupação maior com o meio ambiente. Em países que apresentam baixos indicadores de desenvolvimento socioeconômico e humano, nos quais a população cresce sem parar, bem como o número de óbitos também. Em 2016, foram registrados 2.793.935 nascimentos no Brasil, enquanto o volume de óbitos registrados entre 2006 e 2016 aumentou em 24,7%, passando de 1.019.393 registros em 2006 para 1.270.898 em 2016 (IBGE, 2017).

Desde o início da história da humanidade, as pessoas possuem o hábito de enterrar seus mortos em lugares específicos. Chamamos os locais reservados ao sepultamento de cemitérios, que atualmente é o destino mais comum dado aos mortos (MENEZES; MORAIS; PIMENTA; GUEDES, 2017).

Os primeiros cemitérios brasileiros localizavam-se próximos as Igrejas, mas os sepultamentos nesses locais, obedeciam sempre a uma hierarquia. Conforme o costume, quanto mais prestígio e posses a pessoa ou família tivesse, maior a possibilidade de lhe conferirem sepulturas localizadas em áreas mais nobres, como as próximas ao altar-mor ou nas vizinhanças desses locais. A inumação na parte interna das Igrejas era restrita à um pequeno grupo, sendo excluídos os escravos, católicos, judeus, protestantes e sentenciados.

Nestes casos, que de fato representavam a maioria por séculos, os cemitérios brasileiros localizavam-se no anel central das cidades, e em seu núcleo sociocultural, os muros dos cemitérios chegavam a representar os próprios limites urbanos, ou seja, o crescimento das cidades era delimitado por estes elementos do sistema de espaços livres da cidade. Nota-se atualmente que, apesar de ocuparem extensas áreas do tecido urbano, acabam não dialogando com este, constituindo espaços sem apropriação e desconexos. A preocupação ambiental também é urgente, pois são locais passíveis de sérias contaminações.

Esse tema que envolve toda a sociedade, não é frequentemente debatido. Influenciado pela religião e a cultura, as questões postas em discussão são comumente ignoradas, seja ela por entidades competentes ou pelos representantes governamentais.

Diante do exposto anteriormente, este artigo tem por objetivo discorrer a

respeito dos impactos ambientais e urbanísticos causados por cemitérios e oferecer proposta de medida alternativa para a redução dos mesmos.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste artigo optou-se pela realização de um levantamento bibliográfico em artigos técnicos e revistas da área. Também serão utilizadas como base de dados apresentações realizadas em seminários, congressos, simpósios e fóruns de cunho ambiental.

Essa pesquisa será realizada através de levantamento bibliográfico narrativo e documental. Os artigos usados foram encontrados em sites como: Google Acadêmico, Scielo, Portal CAPES e selecionados para a referência através de seus títulos, palavras chaves e seu resumo.

Por fim, por tratar-se de um assunto pouco estudado na cidade de Porto União, utilizou-se da pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008) é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. Ao final de uma pesquisa exploratória, você conhecerá mais sobre aquele assunto, e estará apto a construir hipóteses.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 HISTÓRIA DOS CEMITÉRIOS

O hábito de sepultar corpos iniciou-se aproximadamente em 100 mil anos a.C., com sepulturas construídas no solo, no interior de grutas. As práticas funerárias evoluíram desde então, e o destino dado aos cadáveres pelo homem depende de suas crenças, circunstâncias sociais e econômicas (PACHECO, 2000).

A partir da idade média, os mortos de origem política e ou sócio-econômico mais privilegiada eram sepultados em igrejas ou imediações, no solo ou em sarcófagos de pedra, diferente dos plebeus, que eram sepultados nos campos afastados das cidades, em valas comuns. Os cemitérios individualizados, caixões individuais e sepulturas familiares apareceram no final do século XVIII (FOUCAULT, 1992).

Culturalmente, acredita-se que o cristianismo ensinou à sociedade moderna o culto aos mortos, porém a individualização surgiu por motivos de saúde pública. Os médicos recomendaram o isolamento dos cadáveres, para que os vivos estivessem protegidos da influência dos mortos. Tal recomendação resultou na proibição dos enterros nas igrejas e na mudança dos cemitérios para as periferias das cidades.

Já na antiguidade, os cemitérios situavam-se fora das cidades, ao longo das estradas, afastados dos centros urbanos. Foi com o advento da urbanização que os cemitérios tornaram-se ilhados por bairros, reaproximando os vivos dos mortos.

Os cemitérios inaugurados em meados do século XIX, repletos de monumentos funerários e túmulos suntuosos, representaram o início de um longo processo de secularização. Nesta época, os locais de sepultamento aparentavam não apresentar perigo à saúde pública e ao meio ambiente, eram apenas construídos aleatoriamente em locais de menor valor econômico e impróprios para qualquer outro uso (THOMPSON, 2015).

Desta maneira, não haviam estudos ou avaliações a respeito dos aspectos geológicos, hidrogeológicos e geotécnicos da área indicada, uma vez que seus riscos eram desconhecidos, não sendo previstos como fontes de contaminantes ambientais (GAGLIANO et al, 2011).

Foi a partir da proibição de sepultamentos em áreas urbanas que se iniciaram estudos em relação a decomposição de corpos humanos, entre eles a fase coliquativa, em que há ocorrência de reações que se desencadeiam através da ação de enzimas microbianas, resultando no desmantelamento dos tecidos, na produção de gases, líquidos e sais (BORN; OLIVEIRA; CUBAS, 2014).

No Brasil, a legislação que proibia sepultamentos próximos às cidades somente aconteceu em 1828. Aquela legislação insistia na edificação de necrópoles fora da cidade e incumbia às Câmaras Municipais a responsabilidade pelas questões de saúde pública. A partir de então, a reverência exacerbada aos mortos dá lugar a preocupação com a saúde dos vivos.

Em União da Vitória, o túmulo onde está sepultado o corpo do precursor do desenvolvimento do Vale do Iguaçu Coronel Amazonas, e agora boa parte de sua família também é o grande centro de todo o Cemitério Municipal de União da Vitória/PR. O jazigo, grande e imponente, representa o que foi a família

Amazonas para a região. Já na entrada, se vê o túmulo, encravado no final do acesso principal, logo atrás do Cruzeiro das Almas, e é por ali, entre a lápide do coronel e da cruz que hoje recebe milhares de preces o ano todo, que o cemitério nasceu.

Segundo Felipe Abraão (2019), o início do cemitério a mais de cem anos, deu-se onde foi encontrado o corpo de uma criança na altura de onde está o Cruzeiro atualmente. Na época mesmo com a falta de informações sobre esse fato a equipe da administração da cidade, decidiu ali iniciar o cemitério. Portanto todos os túmulos que estão a frente disso, são mais recentes.

3.2 IMPACTOS URBANÍSTICOS CAUSADOS PELOS CEMITERIOS

Visto que as cidades se modificam e crescem diariamente de forma a se adequar às normas estabelecidas pelos órgãos governamentais e pelos seus habitantes, os quais interferem nas mais diversas maneiras de organização do espaço vivido, portanto é partir dessas interferências que inicia-se uma série de problemas que necessita de providências imediatas a serem adotadas, no âmbito ambiental, social e cultural. Os lugares reservados aos mortos em uma sociedade reproduzem o mundo dos vivos, estando ambos conduzidos pela mesma lógica de organização, os cemitérios foram estendidos como um lugar de repetição simbólica do universo real (HÖFKE, 2008).

Com a aceleração da urbanização e o crescimento das cidades que são fatores importantes para o desenvolvimento da mesma, torna-se necessária a ampliação das necrópoles por conta do crescimento desenfreado da população, visto que, os cemitérios são empreendimentos indispensáveis em todo o território, sendo ele um grande poluidor do meio ambiente e gerador de muitas discussões religiosas e culturais. As pessoas estão sempre em constante mudança de atitudes em relação aos mortos, conforme os desafios que o cotidiano impõe ou de acordo com a capacidade de cada um responder a esses desafios (CYMBALISTA, 2001).

A cidade é pensada, porém, a paisagem dos cemitérios tem por meio de suas ruas entre túmulos e arquitetura tumular que determina identidade e divergências, originando uma leitura do hábito diário urbano da cidade em que se vive. A transformação territorial a partir da assimilação dos meios naturais,

em que o ser humano destaca alterações para que venha tomar vários espaços, isso pode ocorrer de maneira pensada, ou muitas vezes de forma imprópria e desigual. Muitos atos sem nenhuma precaução com defasado meio natural pode acarretar uma ampla impermeabilidade do solo, lesões das áreas verdes sem a precisa conservação, acarretando assim, a poluição do solo, da água e do ar, originando problemas para a cidade e conseqüentemente más condição de vida para a população.

Essa afinidade do homem com a natureza e a ausência do bom senso admite uma apropriação do espaço de maneira invasiva, onde a desvalorização da terra depende do território ocupado na cidade. Migliorini et al., (2006) também relatam que a localização dos cemitérios ocorre preferencialmente em áreas afastadas do centro urbano, porém hoje é possível encontrar cemitérios totalmente integrados à malha urbana. Com decorrência disso, a edificação dos cemitérios estabelece a máxima precaução dos órgãos governamentais nos domínios municipais, estaduais e federais e até mesmo de toda sociedade buscar diminuir os problemas ambientais e não interferir de forma negativa a condição de vida das populações urbanas.

3.3 DIREITO FUNERÁRIO

Destacando a higiene e a salubridade dos cemitérios de acordo com Silva (2000) nos relata a consequência do fator morte, definindo-o assim: “A morte, além das indagações especulativas que desperta no homem, produz uma série de consequências no seio da sociedade”.

Após o corpo perder sua vitalidade ocorre um processo físico-químico descontrolado e irreversível de degeneração, podendo ser externos, que em suma, conta com a presença de micróbios e insetos, já os internos decorrem de componentes químicos do próprio organismo, além de possíveis inflamações e ferimentos que aceleram o processo de decomposição.

Desprende-se, um vapor aquoso, característico pelo seu cheiro insuportável, contendo matérias orgânicas corruptas, abrangendo partículas designadas por *miasmas*, produzindo um efeito perigoso.

O autor ainda relata que as fermentações microbianas putrefativas resultam em substâncias tóxicas, chamadas *ptomaínas* (de *ptoma*, cadáver).

Denominado terriço animal, essa matéria concentra um maior risco de contaminação.

Segundo Kemerich, Ucker e Borba, “com a decomposição dos corpos, substâncias nitrogenadas são liberadas pelo necrochorume. Esses compostos são responsáveis por doenças como a metahemoglobinemia, popularmente conhecida como “síndrome do bebê azul” que resulta em falta de oxigênio na corrente sanguínea, doença a qual é intimamente associada ao consumo de água com elevados teores de nitrato.

Surgem, então, meios mais seguros para conter tantos perigos na decomposição dos corpos. Porém, para que isso ocorra, a higiene pública determina meios eficazes que devem ser seguidos para não afetar a saúde coletiva, com medidas equacionais das dificuldades.

“Ditam as melhores formas de inumação, cremação, cautelas para exumações, durações dos funerais, locais ideais para os sepultamentos, tipos de ataúdes, etc.” (SILVA, 2000).

Contudo aqueles que não seguem esse rigoroso sistema não sofrem nenhuma restrição, pois as “questões religiosas, psicológicas e político-administrativo, adotam medidas passíveis face ao problema”. Tais limitações são impostas principalmente pelos diversos cultos religiosos, como no caso dos fornos crematórios, meio alternativo no tratamento dado aos mortos, que não são bem vistos por algumas religiões, dentre elas a Católica, que embora aceite a cremação orienta para que suas cinzas sejam armazenadas em locais sagrados.

3.4 CONAMA

Analisando o cenário brasileiro, notamos inúmeras tentativas para melhorar a situação com a estruturação de seus cemitérios, percebendo que a Conama 335/03, reformuladas pelas Conama 368/06 e a 402/08. Tendo como considerações “a necessidade de regulamentação dos aspectos essenciais relativos ao processo de licenciamento ambiental de cemitérios” Além “considerar o respeito às práticas e valores religiosos e culturais da população”.

A inumação é algo que reflete a tradição e religião, questões às quais deve sempre respeitar, pois elas são bases para um crescimento social e cultural, a qual é destinada a seguir ou adaptar-se.

É muito difícil mudar anos de descontrole e desleixo, porém se faz necessário, é o que precede as Conama citas acima, as quais suas normas devem ser revigoradas em prol da sociedade local.

Destaca-se o Art. 5º, §1:

I - a área prevista para a implantação do cemitério deverá estar a uma distância segura de corpos de água, superficiais e subterrâneos, de forma a garantir sua qualidade, de acordo com estudos apresentados e a critério do órgão licenciador;

II - o perímetro e o interior do cemitério deverão ser providos de um sistema de drenagem adequado e eficiente, destinado a captar, encaminhar e dispor de maneira segura o escoamento das águas pluviais e evitar erosões, alagamentos e movimentos de terra; (inciso acrescentado pela Resolução nº 368/06)

Ela norteia as medidas que devem ser tomadas para o não cumprimento das normas, dando prazo para cemitérios que antecedem a 2003, de 180 dias para se readequarem, ou seja, no ano de 2009 todos os cemitérios do país deveriam estar rigorosamente adequados a Conama.

4 RESULTADOS E CONCLUSÃO

Além dos problemas pluviais decorrentes da nossa região, há questões de superlotação dos cemitérios, a falta de espaço decorrente do crescimento populacional das últimas décadas afeta a qualidade estrutural das mesmas, isso não apenas ao municipal, mas também o cemitério do bairro do São Pedro que também está superlotado, exemplo disso foi a tragédia da serra da Dona Francisca ocorrida no dia 14 de março de 2015, onde necessitou a utilização de túmulos abandonados para o sepultamento além de transferirem alguns entes à cidade vizinha, União da Vitória – PR por falta de arranjo físico.

Atualmente de acordo com o responsável, o senhor Luiz A. Wolf, não há nenhum espaço físico disponível para compra de terreno municipal, apenas o cemitério particular, sendo poucas opções também, pois esses túmulos estão nas áreas baixas, e sofrem com os alagamentos em períodos de chuvas.

Tais questões de superlotações em terrenos com declive podem provocar desmoronamentos, desrespeitando assim, o direito do ente e de seus familiares, além de possíveis contaminações decorrentes da inumação.

Há necessidade de seguir as normas de higiene e estrutural para que não constitua um perigo à sociedade, visto que a decomposição sofre mutações que formam gases de odor desagradável e substâncias solúveis portadoras de germes patogênicos que em agentes de transição, podem contaminar principalmente fontes de água. (SILVA, 2000)

Um método que pode ser utilizado como referência em tecnologia e sustentabilidade é a implantação de um forno crematório.

O projeto de cremação fornecerá novas opções além do sepultamento, pois a construção de novos cemitérios é inviável, além de como mencionado, é um dos meios mais poluidores mesmo canalizando os líquidos do processo de inumação.

Além do projeto da cremação, a utilização de cemitério de gaveta de apenas urnas, onde não há necessidade de estruturá-los em tubos para escoamento do enxofre derivado dos corpos, pois eles foram devidamente extraídos no processo de cremação.

Esses por sua vez economizaram em espaço físico, além de não trazer nenhum dano à sociedade, seja em questões ambientais preservando o solo, como culturais.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL, **Resolução Conama 335/2003**, alterada pela Conama 368/06 e 402/08. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_urbanismo_e_meio_ambiente/legislacao/leg_federal/leg_fed_resolucoes/leg_fed_res_conama/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CONAMA-335-03-cemit%C3%A9rios.pdf . Acesso em 12 abr. 2019.

CYMBALISTA, R. **Cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da medicina social**. In: Microfísica do poder.

Rio de Janeiro: Graal, 1992.

HÖFKE, T. F. **Paisagem do Silêncio**: Reflexões sobre o simbolismo na arte funerária. In: TERRA C. G.; ANDRADE, R. O. (Org.). Coleção Paisagens Culturais. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Registro Civil**: Em 2016, registros de nascimentos têm queda (-5,1%) em relação a 2015. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/17943-registro-civil-em-2016-registros-de-nascimentos-tem-queda-5-1-em-relacao-a-2015>>. Acesso em 20 mar. 2019.

MENEZES, Ariádina Silva; MORAIS, Stéphanie Rocha Soares Dias; PIMENTA, Thais Rubião; GUEDES, Juliana da Silva e Mascarenhas. **Resíduos dos cemitérios: contaminação ambiental e saúde pública**. In: IX Simpósio Brasileiro de Engenharia Ambiental; XV Encontro Nacional de Estudantes de Engenharia Ambiental; III Fórum Latino Americano de Engenharia e Sustentabilidade. 2017. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/engineeringproceedings/xvенеeamb/132.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2019.

MIGLIORINI, R. B.; Z. M.; ZEILHOFER, L. V. A. C. **Qualidade das águas subterrâneas em áreas de cemitério**. Região de Cuiabá-MT. Águas Subterrâneas. 2006.

SILVA, Francisco Carlos da; SUGUIO, Kenitiro; PACHECO, Alberto. **Avaliação ambiental preliminar do cemitério de Itaquera, segundo a resolução CONAMA 335/2003**, município de São Paulo. Revista UnG – Geociências. 2008. Disponível

em: <<http://revistas.ung.br/index.php/geociencias/article/viewFile/376/465>>.
Acesso
em 24 mar. 2019.

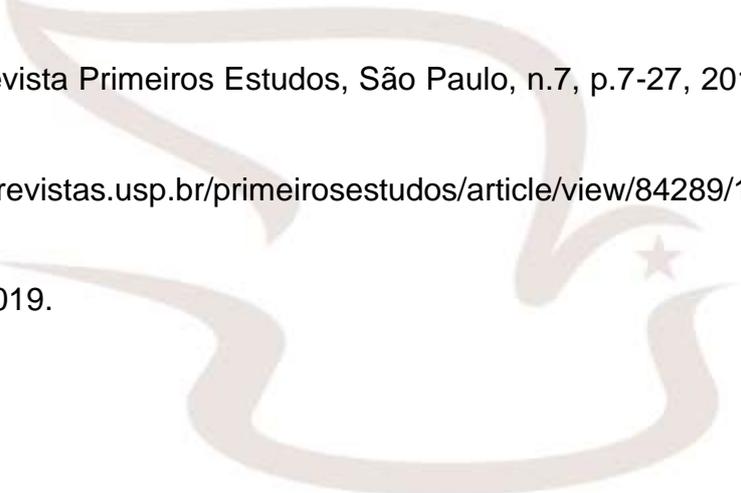
SILVA, J. A. F. da, **Tratado de Direito Funerário: Teoria Geral e Instituições de Direito Funerário**. São Paulo; Método, 2000..

THOMPSON, Barbara. **Cemitérios verticais, espaço urbano e meio ambiente: O**

novo discurso científico universitário de incentivo à verticalização do cemitério e à cremação. Revista Primeiros Estudos, São Paulo, n.7, p.7-27, 2015. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/84289/106958>>.

Acesso
em 24 mar. 2019.



Uniguacu
Centro Universitário

MOBILIDADE URBANA: ESTRATÉGIAS PARA CRIAR RUAS MAIS SEGURAS

Lucas França Burgath
Bruna Maidel¹
Paula Vaccari Toppel²
Luiz Gustavo Singeski
Sílvia Letícia Vacelkoski³
Gilda Maria Botão Ayres Pereira⁴

RESUMO: O constante desenvolvimento da sociedade impacta diretamente no modo em que esta reage. A vida urbana tornou-se conturbada em diversos lugares do mundo ao longo do tempo, devido às más condições de locomoção, causadas principalmente pelo uso excessivo de automóveis particulares para deslocamentos no perímetro urbano. Apesar de ser predominante o transporte motorizado, as bicicletas surgem como uma ferramenta de alívio para o trânsito, considerando que atualmente elas vivem um período de renascimento, de modo a comporem adequadamente à vida urbana como nenhum outro meio de transporte. Sendo um modelo ecologicamente correto, de baixo custo e eficiência nos espaços urbanos congestionados. Caracterizando a valorização de diretrizes que incentivem a utilização deste modal de transporte, o presente trabalho buscou analisar as falhas inseridas na mobilidade urbana dos municípios de União da Vitória, localizado ao sul Paraná, e em Porto União, situado ao norte de Santa Catarina. Por meio de entrevistas, pesquisa documental e observação direta, no âmbito do funcionamento adequado das vias, os conceitos de acupuntura urbana juntamente com o de ruas completas tornam-se relevantes para a implementação nas cidades analisadas, de modo a priorizar a segurança pública e agilidade no deslocamento urbano, aplicando-o aos diferentes modais de transporte disponíveis na infraestrutura local, por meio de intervenções a curto e médio prazo, que visem o favorecimento do planejamento urbanístico destes municípios.

Palavras-chave: Mobilidade, Segurança, Infraestrutura, Urbanismo, Planejamento

ABSTRACT: The development of impacts directly in the part in this method. Urban life became troubled instead of the excessive place of self-rotation for displacements in the urban perimeter. Although motorized transportation, such as service bicycles as a response tool for traffic, is considered to be predominant, considering the current conditions, are a period of rebirth, from a mode of execution of commands to urban life like any other means of transport. Being an ecologically correct, low cost and efficient model in congested urban spaces. Characterizing the valorization of guidelines that encourage the use of this modal mode of transportation, the company investigated the locations included in the urban mobility of the municipalities of União da Vitória, located south of Paraná, and Porto União, located north of Santa Catarina. Through interviews, documentary research and direct observation, within the functionalism of the access routes, the concepts of acupuncture for the urban city, as well as for the development of a priori public safety and agility in urban displacement, applying it to the different passenger modes in the local infrastructure, by means of a short-term and medium-term strategy that favors the favoring of the urban planning of the municipalities.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Pós-graduação MBA em gerenciamento de obras, tecnologia e qualidade da construção pelo IPOG. Mestranda no programa de pós-graduação em engenharia da construção civil, área de concentração ambiente construído, pela UFPR. Professora no curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário do Vale do Iguaçu (Uniguauçu), e autônoma no escritório de B.Maidel Arquitetura.

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011) e mestrado em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2015), especialização em Construções Sustentáveis (2018) pela UTFPR em andamento. Atualmente é coordenadora e professora universitária na Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu e arquiteta e urbanista autônoma.

³ Mestre em Engenharia de Construção Civil. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Professora no Centro Universitário Vale do Iguaçu (Uniguauçu)

⁴ Mestranda em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP. Possui graduação em Educação Artística pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1989) e graduação em arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993). Atualmente é professor - Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu, voluntário do Conselho de Urbanismo de União da Vitória, professor do magistério superior do Centro Universitário da Cidade de União da Vitória. Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Planejamento Urbano, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura sustentável, edificação de arquitetura, desenvolvimento territorial, cidades sustentáveis e indígena.

1 INTRODUÇÃO

Mobilidade Urbana é o conceito que sustenta a organização harmoniosa entre as políticas públicas direcionadas ao transporte e ocupação do solo, de modo que os profissionais responsáveis nestes encargos, revisem as diretrizes presentes no Plano Diretor de modo a proporcionar aos habitantes o amplo acesso a todo o perímetro urbano. (ABEETRANS, 2010)

Com o desenvolvimento acelerado das cidades, é notável um crescimento elevado no número de automóveis que, segundo o estudo elaborado pelo Denatran, a frota de veículos em efetiva utilização no território brasileiro em janeiro de 2019, ultrapassa os 100 milhões.

Tabela 1: Percentual da frota brasileira de veículos

Categoria	Número de Unidades	Porcentagem
Automóveis	54.995.950	54,27%
Motocicletas	27.240.626	26,87%
Comerciais Leves	11.955.759	11,8%
Caminhões	6.029.481	5,95%
Ônibus	1.031.172	1,02%
Outros	93.192	0,09%
Total	101.346.180	100%

Tabela elaborada pelo autor. Fonte: Ministério das Cidades, DENATRAN - Departamento Nacional de Trânsito, RENAVAM - Registro Nacional de Veículos Automotores, 2019

Representando um problema para a eficácia da mobilidade, o elevado número de veículos automotores é a principal causa do “inchaço” nas vias urbanas, ocasionando diversos congestionamentos e prejudicando, assim, o funcionamento do deslocamento viário, conseqüentemente afetando a qualidade de vida nas cidades.

Segundo pesquisa referente a mobilidade urbana, constatou-se que um morador da cidade de São Paulo, passa em média 45 dias no trânsito a cada ano devido os deslocamentos diários tal como ir e voltar do trabalho, da academia, ou deixar e buscar os filhos na escola (IBOPE, 2016).

Somado a isso, o número de pessoas afetadas por acidentes no trânsito chega a 400 mil ao ano, sendo 47 mil o número de mortes durante este período (OBSERVATÓRIO NACIONAL DE SEGURANÇA VIÁRIA, 2018).

Estes dados sugerem questionar a precariedade das vias e a má organização dos espaços de circulação em diversas cidades brasileiras, onde a atenção à mobilidade urbana ainda é considerada um conceito recente. A cartilha elaborada pelo Governo Federal, tendo base na Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012, determinou: “A Política Nacional de Mobilidade Urbana passou a exigir que os municípios com população acima de 20 mil habitantes, além de outros, elaborem e apresentem plano de mobilidade urbana, com a intenção de planejar o crescimento das cidades de forma ordenada. A Lei determina que estes planos priorizem o modo de transporte não motorizado e os serviços de transporte público coletivo” (GOVERNO FEDERAL, 2012).

A partir do decreto, cabe a gestão pública de cada cidade adequar-se a curto e médio prazo, fazendo-se pensar em um novo modelo urbano, planejando as ruas de modo a priorizar a vida humana. Intervenções primárias como: organização das vias destinando faixas de rolamento específicas para cada tipo de veículo, além de modelos que influenciem a utilização de bicicletas e transportes coletivos, por consequência, reduziriam o fluxo das vias, minimizando o índice de acidentes, ocasionando uma melhoria imediata da mobilidade urbana.

Estas são algumas das possíveis diretrizes capazes de influenciar o modo de comportamento dos munícipes, que passariam a compreender o funcionamento adequado da cidade e a contemplar o meio onde estão inseridos.

2 HIERARQUIA VIÁRIA

Jane Jacobs, teórica e ativista norte-americana da década de 60, defendeu a preservação da vida em comunidade, justificando que a partir deste conceito encontra-se a cura para a insegurança e violência presentes no meio urbano. Buscar conhecer as pessoas, criar vínculos entre as vizinhanças e contemplar o intercâmbio das vivências uns com os outros, são atitudes capazes de recuperar a vitalidade da rua. Esta que é uma complexa instituição social,

onde desde a infância aprendemos a conviver e socializar de modo a construir uma comunidade.

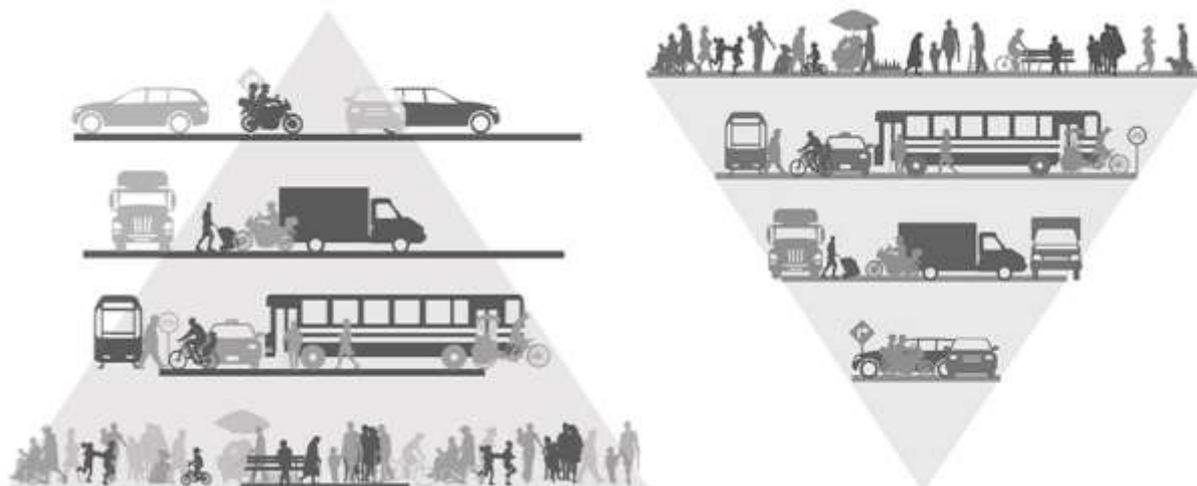
Assim, nossa qualidade de vida não deve depender de muros altos e receios com o próximo, sendo essencial direcionarmos a atenção ao espaço público, seu projeto e sua função para a sociedade. Se a rua acaba por privilegiar o automóvel em detrimento ao pedestre, ela perde sua vitalidade, sendo necessário repensar a paisagem urbana (JACOBS, 1964).

Na sua origem, a rua não era apenas uma passagem ou uma simples via de acesso a outros lugares e sim o próprio lugar. Os espaços públicos eram espaços de convivência, locais para se estar, passar o tempo e interagir com as outras pessoas (LINKE, 2017).

Entretanto, a diretriz tradicional para elevar a eficácia do trânsito foi a construção de novas vias, projetadas com o intuito de receber maior número de veículos, sendo adotado consideravelmente entre as décadas de 60 e 90 no Brasil, acarretando uma reação em cadeia, pois quanto mais os espaços são destinados ao automóvel, maior é o incentivo para que se tenha mais adeptos do transporte particular, elevando o número de carros nas ruas e o espaço ocupado por cada pessoa. Esta cultura presente na sociedade atual, molda a mobilidade das cidades através de uma hierarquia de vias destinadas para veículos motorizados particulares. Resultando em um modelo de sociedade individualista.

De modo a recuperar o conceito de rua como lugar, é necessário repensar a malha urbana com o intuito de priorizar o transitar dos pedestres e transportes alternativos, também incentivar elementos culturais e educativos que permitam a interação entre a comunidade, promovendo a inserção da população nas ruas para trocas de experiências e vivências com o entorno. O comparativo de configuração urbana atual e ideal, com base no Global Street Design Guide, representa-se em forma de pirâmides na figura 1.

Figura 1 - Pirâmides de prioridade no trânsito



Normal: Classificação atual

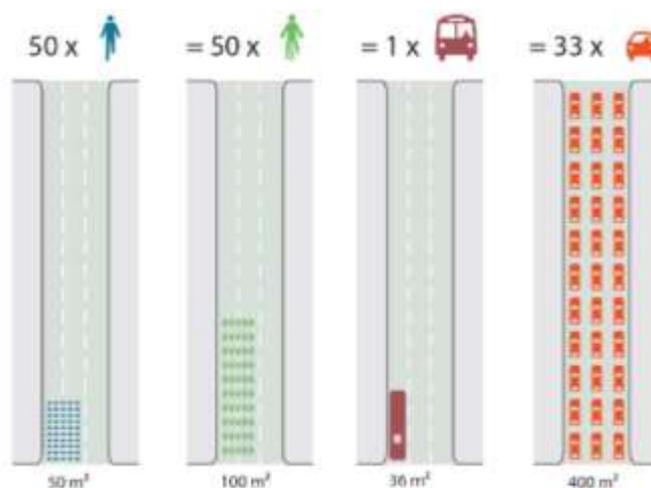
Inversa: Classificação ideal

Fonte: Global Street Design Guide (NACTO-GDCI)

A lógica do transporte individual na cidade precisa ser revista de modo a não eliminar totalmente o carro, mas incentivar os deslocamentos diários a serem realizados majoritariamente por meio de transporte coletivo, além do deslocamento a pé e de bicicleta, que através da integração dos modais de transporte, visa a eficácia da mobilidade a partir da otimização do espaço público. (JAIME LERNER, 2016)

É possível analisar este comparativo de ocupação do espaço pelos principais modais exemplificados na figura 2.

Figura 2 - Espaço que 60 pessoas ocupam no trânsito

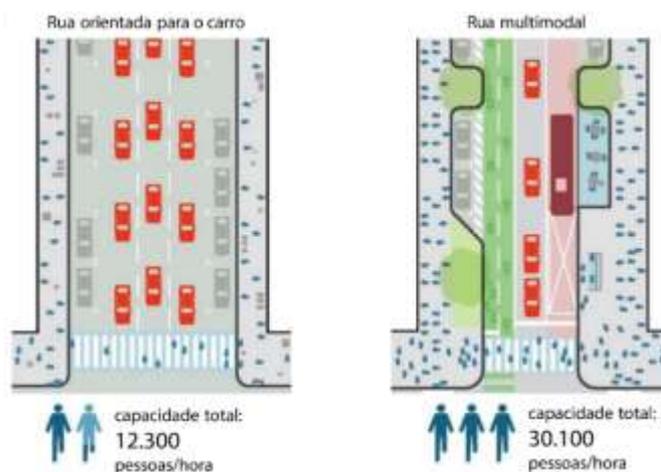


Fonte: Hannah A. Machado, Seminário Mobilidade e Uso do Solo – IAB

Segundo Lerner (2011), como na Medicina Tradicional Chinesa é possível recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio da técnica de acupuntura. É necessário inserir este conceito no urbanismo, que através da “Acupuntura Urbana” pode-se revitalizar uma área “doente” ou “degradada” e seus arredores através de um simples toque em um ponto chave. Assim como a abordagem médica, essa intervenção irá desencadear reações em cadeia positivas, ajudando a melhorar todo o sistema.

De modo a favorecer um maior senso de comunidade, de redução de poluentes e ruídos, as bicicletas enquadram-se como o modal de transporte mais eficiente para a sociedade urbana. Sendo inevitável inseri-las de modo adequado as vias das cidades, incentivando o seu uso através de uma remodelagem organizacional nas vias existentes, mesclando diferentes tipos de meios de transporte, constituindo uma rua multimodal como visto na figura 3. É notável a eficácia na redução do espaço individual utilizado e o incentivo na variação do modo de locomover-se, comprovando a relevância da teoria de acupuntura urbana.

Figura 3 - Comparativo organizacional de vias visando o uso eficiente do espaço



Fonte: Hannah A. Machado, Seminário Mobilidade e Uso do Solo – IAB

3 DUAS CIDADES, UM PROBLEMA

Localizado a 26°13'48" latitude sul e 51°05'11" longitude oeste, no extremo sul do estado do Paraná, União da Vitória está situada a 243 km da capital do estado, Curitiba. Porto União a 26° 14' 34" latitude sul e 51° 4' 28" longitude oeste, situa-se a 430 km da capital do estado, Florianópolis. Ambas a aproximadamente 1.335 km da capital do país, Brasília (PMUV, 2019; PMPU, 2019).

A condição urbana que os municípios de Porto União e União da Vitória possuem, chama a atenção pelo fato de comporem espacialmente uma “única cidade”. Entretanto, vale lembrar que no início elas já foram unidas e no período da Guerra do Contestado, quando ocorreu a mudança do traçado geográfico, devido ao Tratado de Limites celebrado entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, a cidade ficou dividida em duas, passando a parte que tocou ao Paraná a denominar-se União da Vitória, e a parte pertencente a Santa Catarina, Porto União. (IBGE, 2010). A partir deste acordo político, originaram-se as “Gêmeas do Iguaçu”, cortando o centro de uma cidade ao meio, sem considerar os prejuízos que comprometem o desenvolvimento das cidades até hoje. A proposta de intervenção que integra este trabalho é direcionada a Av. Interventor Manoel Ribas, que tem seu início a partir da ponte de mesmo nome, popularmente conhecida como “Ponte do Arco”. A via estende-se por 1,9km, transformando-se na Rua Matos Costa a partir da divisa estadual demarcada pela linha férrea, com extensão de 1km. Juntas compõem uma única via de aproximadamente 3km, compondo o principal eixo de conexão entre Paraná e Santa Catarina. Uma região que incita conflitos urbanos diários, devido à precariedade de organização e distribuição dos modais de transporte. A falta de segurança ao locomover-se nesta área é constante devido ao fluxo de veículos motorizados e não-motorizados, além do elevado índice de pedestres que ali transitam devido aos comércios que compõem a região.

Figura 4 – Mapa de localização



Fonte: Google Earth, 2019, adaptado pelo autor

De modo a compreender as modificações necessárias no intuito de enquadrá-las ao contexto local, a pesquisa se dá de maneira documental, por meio de estudos sobre o desenvolvimento da via ao longo do tempo, além de um estudo de campo através de entrevistas, relacionando a aceitação das intervenções com a intenção de promover a eficiência na mobilidade urbana das Gêmeas do Iguaçu, visando influenciar positivamente a população, sugerindo uma mudança de hábitos e por consequência a melhora da vida em comunidade.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIA

A avenida analisada é peça de conexão fundamental entre comércios e instituições de ensinos, sendo o principal eixo de conexão entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Paralela à Av. Bento Munhoz da Rocha Neto, caracterizada por contornar o grande Rio Iguaçu, sendo importante eixo integrador entre as localidades do perímetro urbano de União da Vitória.

Historicamente lembrada por ter sido uma das primeiras ruas do município, a Av. Interventor Manoel Ribas, juntamente com a Rua Matos Costa, são as referências utilizadas nas entrevistas de estudo, elaborada por meio das 4 perguntas a seguir:

1. Tempo de muncípe das cidades de União da Vitória ou Porto União;

2. Comparativo organizacional da área central das Gêmeas do Iguaçu atualmente e nas décadas passadas;
3. Intervenções na Avenida Interventor Manoel Ribas e na Rua Matos Costa;
4. Como a relação entre a sociedade modificou-se com o desenvolvimento das cidades.

Segundo Arlete Barbosa, munícipe há aproximadamente 50 anos de União da Vitória, o centro da cidade nas décadas passadas, era configurado de maneira organizada, com pavimentação primária, onde bicicletas e poucos veículos ocupavam as vias. Arlete relembra a tranquilidade da época em que a região era destinada majoritariamente aos pedestres.

Figura 5 - Av. Interventor Manoel Ribas, década de 70



Fonte: ondeficaprotouniao.blogspot.com, 2019

Ozires Gaio, munícipe há 30 anos de Porto União, confirma a existência de um calçadão na área central, denominado “Calçadão da Manoel Ribas”. Uma área destinada aos pedestres, onde era possível transitar em segurança entre os principais comércios da cidade. Este era um espaço destinado as vivências entre a população por meio de sua economia. Por sua vez, na década de 90, determinou a lei nº 2123/1994, a abertura de uma canaleta no calçadão da Avenida Interventor Manoel Ribas, priorizando assim, o uso do automóvel e colocando fim no calçadão, conseqüentemente na vitalidade daquela região.

Édino Gaio, munícipe há aproximadamente 40 anos de Porto União, relembra a recente intervenção imposta pelo governo municipal sobre a avenida, que optou pela

retirada do popular Café Expresso de União da Vitória, este com mais de 30 anos de existência, era um dos principais pontos de encontro na avenida.

Figura 6 – Café Expresso de União da Vitória antes de sua remoção



Fonte: vvale.com.br, 2019

A partir das entrevistas, da pesquisa documental e da observação direta do estudo, pode-se constatar que a área central das Gêmeas do Iguaçu sofreu diversas modificações que minimizam a vitalidade urbana na região, transformando a rua num local apenas de passagem e não num ambiente comum em que se pode desfrutar da vida em sociedade como era no passado. A região tornou-se um local caótico, de fluxo constante entre automóveis e bicicletas que disputam perigosamente o mesmo espaço em meio a uma única caixa de rolamento. O único privilegiado neste contexto é o automóvel particular, mas que também acaba enfrentando problemas de congestionamento e lentidão devido ao “inchaço” que a via passou a ter nas últimas décadas.

Figura 6 – Fluxo intenso de veículos na Av. Interventor Manoel Ribas, 2016



Fonte: Google imagens, 2019

3.2 BICICLETAS: UM POTENCIAL INEXPLORADO

As Gêmeas do Iguaçu possuem um passado ciclístico memorável. Na década de 50, as corridas de bicicleta já faziam parte das atividades esportivas das cidades (figura 7), movimentando um grande público regional (SILVA, 2019).

Figura 7 – 6ª Prova Ciclística Unterstell e Monark em 1965 nas Gêmeas do Iguaçu



Fonte: coisasdabola.com.br, 2019

Atualmente as Gêmeas do Iguaçu mantém a origem ciclística voltada a outras vertentes esportivas, como: o Mountain bike e o Downhill.

Contextualizando o ciclismo como modal de transporte local, a densidade e topografia de Porto União e União da Vitória sugerem como meio de transporte individual entre os moradores as bicicletas, além de ser considerada uma cidade

universitária, que por consequência eleva o número de ciclistas circulando diariamente no perímetro urbano, sendo este o principal meio de transporte entre os estudantes devido ao baixo custo e praticidade.

Características que expõem uma atenção necessária para este tipo de veículo, que ao ocupar um espaço relativamente menor que os carros, alivia os espaços congestionados, além de possuírem um impacto ambiental praticamente nulo e ao se deslocam com velocidades menores, oferecem menos riscos aos pedestres, além do benefício à saúde.

É preciso destacar que, entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU (Organização das Nações Unidas) a serem cumpridos até 2030, está o de tornar as cidades inclusivas, seguras e sustentáveis (ODS 11).

Modelos apresentados em diversas cidades do mundo comprovam a eficácia no uso da bicicleta como modal de transporte sustentável. Na Dinamarca, por exemplo, a população utiliza bicicletas para tudo. Conhecido popularmente como o país das bicicletas, isto se deu a partir do momento em que o governo precisou incentivar o uso destas durante a crise do petróleo de 1973. Atualmente, a capital Copenhague tem o trânsito todo voltado para os ciclistas, onde 62% da população usam as bicicletas para seus deslocamentos diários (O GLOBO, 2017).

Figura 8 – Ranking das cidades com maior utilização de bicicletas



Fonte: Urban Hub, 2019

A partir disto, deve-se repensar as diretrizes urbanas das Gêmeas do Iguaçu, de modo a compor teoricamente a eficácia de sua mobilidade através de modelos que auxiliem a relevância do uso da bicicleta nas cidades alvo deste estudo.

Figura 9 – Ciclistas na Av. Interventor Manoel Ribas



Fonte: o autor, 2019

Configurando a área central (figura 9), as vias possuem dimensões consideravelmente adequadas, havendo pontos em que surgem estreitamento da via, causando lentidão no trânsito, que, agregado ao fator de estarem presentes os principais comércios e casas de serviços locais, intensificam o tráfego viário, tanto de veículos, como de ciclistas e pedestres ocasionando conflitos recorrentes.

3.3 RUAS COMPLETAS: UMA RELEITURA DEMOCRÁTICA

A intervenção sugerida para impulsionar a mobilidade urbana da avenida apresentada, seria adequá-la ao conceito de rua completa, que caracteriza uma via pensada em prol do uso mais democrático do espaço e da segurança de todos os seus usuários, de todas as idades e todos os modos de transporte.

Não existe um padrão de rua completa, ela configura-se de modo a compor o contexto local da área em que é implantada, refletindo a identidade e prioridades de determinada comunidade. (WRI BRASIL, 2017)

Em sua essência, os principais objetivos que viabilizam as ruas completas são:

- Beneficiar os usos existentes de cada região, visando o planejamento de uso futuro;
- Tornar majoritário os deslocamentos a pé, de bicicletas e transporte coletivo;
- Respeitar o entorno e seus recuos;
- Proporcionar incentivo a diversidade de uso do solo, mesclando comércios e residências;
- Visa tornar a rua um local de estar para as pessoas e não apenas um local de passagem.

Este conceito acarreta benefícios diversos de estímulo a igualdade, segurança e saúde, elevando a vitalidade dos espaços urbanos. Com o acesso às ruas completas, a população sente-se motivada a adotar padrões alternativos de deslocamento melhorando a vida na cidade de maneira indireta, efeito que reflete diretamente na revitalização dos espaços degradados. O transporte coletivo deve estar locado adequadamente neste conceito, de modo a receber melhorias na qualidade de acesso e locomoção em espaço exclusivo.

No Brasil, a primeira rua completa foi implantada na Rua Joel Carlos Borges, no bairro do Brooklin da cidade de São Paulo, uma intervenção de baixo custo e com grande influência positiva sobre a população, a qual passou por uma avaliação dois meses após sua implantação, concluindo que 92% dos usuários da via aprovam o projeto e acreditam que as mudanças são benéficas (LABMOB, 2017; WRI BRASIL, 2017).

Figura 10 – Rua Joel Carlos Borges, São Paulo



Fonte: WRI Brasil, 2019

A relevância maior é mudar o paradigma de desenho viário imposto no último século, ainda muito utilizado no Brasil, que busca obter soluções para o tráfego de automóveis e não ao uso de pessoas.

Neste sentido, justificando a relevância de implantação do conceito na avenida Interventor Manoel Ribas juntamente com a Rua Matos Costa, que foram algumas uma das primeiras vias das Gêmeas do Iguaçu, este tipo de solução remete a importância de sua história, digna de uma releitura urbana, no âmbito de elevar a segurança por meio da diminuição de velocidade dos veículos que ali transitam, de modo a restringir o uso exclusivo do carro, passando a posicionar adequadamente a bicicleta como importante e complementar modal de transporte da área central, diminuindo consideravelmente o inchaço que persiste na via. Além de identificar as irregularidades, a correção das condições de mobilidade existentes, visa melhorar o deslocamento sustentável das pessoas na cidade, com intervenções rápidas e de baixo custo, mas de grande impacto positivo na vida dos usuários.

Pretende-se também direcionar seu uso principalmente ao pedestre, agregando um mobiliário urbano capaz de proporcionar segurança aos ciclistas tanto para estacionarem, quanto dispor locais destinados ao convívio da população, promovendo a vitalidade urbana. Além disso, espera-se conscientizar os usuários de veículos particulares a tomarem novos costumes quanto ao transporte, utilizando modais que sustentem a transição de conceito para cidades mais humanizadas.

5 REFERÊNCIAS

ALDRIGHE, Thays. **Conceito de acupuntura urbana contribui para o desenvolvimento sustentável das cidades**: 2013. Disponível em: <<http://panorama.jll.com.br/conceito-de-acupuntura-urbana-contribui-para-o-desenvolvimento-sustentavel-das-cidades/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

BLUME, BRUNO ANDRÉ, Como melhorar a mobilidade urbana? 2016. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/alternativas-mobilidade-urbana/>>. Acesso em 10 jun. 2019.

CAU/RS. Mobilidade: mudança de comportamento para um novo paradigma. 2017. Disponível em: <<https://www.caurs.gov.br/mobilidade-mudanca-de-comportamento-para-um-novo-paradigma/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

DENATRAN. Frota de Veículos. 2019. Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br/index.php/estatistica/237-frota-veiculos>>. Acesso em: 15 maio 2019.

GOVERNO FEDERAL, Política Nacional de Mobilidade Urbana. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12587.html>
Acesso em: 21 mar. 2019.

GLOBO, Copenhague é referência mundial no uso de bicicletas como transporte. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2017/11/copenhague-e-referencia-mundial-no-uso-de-bicicletas-como-transporte.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019

LERNER, Jaime. Acupuntura urbana. [S. l.]: Record, 2011.

LERNER, Jaime. Jaime Lerner Arquitetos Associados. 2018. Disponível em: <http://jaimelerner.com.br/pt/arquitetos-associados/>. Acesso em 12 jun. 2019

MARCOS, Martín. **Jane Jacobs e a humanização da cidade.** 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/786817/jane-jacobs-e-a-humanizacao-da-cidade>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UNIÃO DA VITÓRIA, Dados Gerais do Município. 2017. Disponível em: < <http://uniaodavitoria.pr.gov.br/dados-gerais/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO UNIÃO, Aspectos Gerais e Geográficos. 2014. Disponível em: <

<https://www.portouniao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/34638>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

REVISTA APÓLICE. **Brasil registra 47 mil mortes por acidentes no trânsito anualmente.** 2018. Disponível em:

<<https://www.revistaapolice.com.br/2018/05/brasil-47-mil-mortes-acidentes-transito/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

URBAN HUB, Reinventado a roda: o futuro do ciclismo. 2015. Disponível em: <http://www.urban-hub.com/pt-br/urbanization/reinventando-a-roda-o-futuro-do-ciclismo-urbano/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WRI BRASIL, Primeira rua completa de São Paulo tem 92% de aprovação. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/908598/primeira-rua-completa-de-sao-paulo-tem-92-percent-de-aprovacao>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Uniguacu
Centro Universitário